

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

O ENSINO DO TEMA DA GLOBALIZAÇÃO
NO ENSINO MÉDIO DE GEOGRAFIA

São Gonçalo
2007

O ENSINO DO TEMA DA GLOBALIZAÇÃO NO ENSINO MÉDIO DE GEOGRAFIA

Roberto Santos Peixoto

Monografia apresentada ao Departamento de Geografia da Faculdade de Formação de Professores da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do grau em Licenciatura Plena em Geografia.

Orientador:

Prof. Msc.: Eduardo Karol



Globalization / The Wall Street Journal

São Gonçalo
2007

PARECER DA BANCA EXAMINADORA

Grau: _____(_____)

Prof. MsC.: Eduardo Karol – Orientador – (DGEO/FFP/UERJ).

Prof. MsC: Manoel Martins de Santana Filho (DGEO/FFP/UERJ).

Prof. MsC: Jorge Luiz Raposo Braga (DGEO/FFP/UERJ).

FICHA CATALOGRÁFICA

PEIXOTO, Roberto Santos.

“O Mundo mudou, Precisamos nos Globalizar?”: O Ensino do Tema da Globalização no Ensino Médio de Geografia.

Orientador: Prof. Msc.: Eduardo Karol

Dissertação de Monografia. - Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, FFP/UERJ, 2007.

1. Globalização; 2. Manuais Didáticos (Brasil); 3. Ensino de Geografia; I. Título.

Dedico esse trabalho aos meus pais
(Betinho e Dorinha)

“Principalmente a minha mãe que com muita dificuldade e determinação sempre fez o possível para que seus filhos estudassem, já que a vida não lhe deu a mesma oportunidade”.

Faço minha, as palavras da minha irmã Tatiane, pois não sei como dizer em palavras a importância da nossa mãezinha para as nossas vidas.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é o ato de homenagear todas as pessoas que direta e/ou indiretamente nos ajudam cotidianamente na concretização de nossos sonhos e projetos. Por este motivo, é uma ação extremamente difícil, porém de importância crucial.

Agradeço a todos os meus familiares, em especial aos meus irmãos Bruno e Tatiane e aos meus tios (Juvenal e Tereza); aos meus amigos e companheiros de classe (a turma dos *geoloucos* ou *alcunha*) que, desde o início de nossa caminhada, nos identificamos enquanto, principalmente aos amigos: Aloísio Mendonça (Chicó), Rafael Calixto (Rino); Flora Gonzaga e Anderson Andrade (Acerola).

À Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, por ter me possibilitado compreender a importância de se pesquisar minhas incertezas e discuti-las e, pela excelente formação acadêmica que tive e, que me acompanhará por toda a minha jornada acadêmica. A todos os funcionários desta instituição e pessoas que tive a oportunidade de conhecer.

Este trabalho ainda contou com o inestimável apoio intelectual de todos os professores do Departamento de Geografia da FFP/UERJ, especialmente aos professores: Floriano Godinho, Denilson de Oliveira, Walter Cruz. À professora do Departamento de História, Alix Pinheiro por ter me possibilitado refletir sobre a importância da história para a compreensão da construção do espaço geográfico.

Tenho por obrigação dedicar um parágrafo exclusivo ao Professor Orientador: Eduardo Karol que, desde o início da minha formação acadêmica (e de outros geógrafos) sempre se esforçou para que nos comprometêssemos com nossas leituras e o material que viríamos a produzir posteriormente. Agradeço também por suas palavras, ações, sugestões e críticas exercidas, sempre nos momentos em que se fazia necessário. Desde minha participação no projeto, *O Ensino de Geografia, a Globalização e o Imperialismo*, onde iniciamos nossas discussões sobre o tema da globalização. Estas discussões foram impulsionadoras para a realização deste projeto e, reconheço que devido às minhas limitações em muitos momentos não consegui acompanhar e desenvolver todas as discussões que traçamos. E o que ficou foram às inquietações em se pesquisar e as incertezas. Muito obrigado Eduardo Karol pela orientação e conclusão deste trabalho.

Merece um parágrafo também a inestimável companheira de projeto de ensino e pesquisa, Caroline Pinho, que de inteligência formidável, muito contribuiu para a

elaboração deste trabalho, através de sua leitura sempre cuidadosa e crítica, suas sugestões e o diálogo que sempre me proporcionou.

A banca examinadora pela sua dedicação e comprometimento com a formação dos estudantes desta instituição.

Este trabalho ainda contou com a participação efetiva de diversas instituições, o Colégio Baptista do Laranjal, o Colégio Estadual Adino Xavier, e o Colégio Estadual Walter Orlandini que, através de seus diretores, coordenadores, professores, em especial ao professor Izaias Gomes do (Colégio Estadual Walter Orlandini) e estudantes. Pudemos realizar boa parte das reflexões e discussões presentes neste trabalho. A todos as outras instituições que também contribuíram para a concretização deste trabalho, obrigado.

A Deus, serei eternamente grato.

RESUMO

O tema da globalização passou a possuir um lugar de destaque nos debates, a partir dos anos 1980-1990, ocasionando profundas mudanças na organização da sociedade, o qual tem refletido direta e/ou indiretamente, no entendimento das relações espaciais pela sociedade contemporânea, sejam elas políticas, econômicas e sociais. Uma das dimensões mais afetadas pela globalização é o processo de ensino e aprendizagem e, a disciplina escolar responsável por discutir este tema com as mais variadas classes sociais é a ciência geográfica, através de seus geógrafos educadores. No intuito de contribuirmos para o entendimento deste tema, reconhecemos sua complexidade e, por este motivo, não procuraremos esgotá-lo, mas trazer algumas idéias e discussões que possam contribuir para a compreensão espacial da globalização pela sociedade contemporânea. Assim, analisamos a relação indissociável entre o processo de globalização, o espaço geográfico e o ensino de geografia, por meio, de pesquisas e diálogo com educadores e estudantes.

ABSTRACT

The theme of globalization now have a place of prominence in the debates, from the years 1980-1990, which caused profound changes in the organization of society, which is reflected directly and/or indirectly, in the understanding of spatial relationships by contemporary society, whether they political, economic and social. One size most affected by globalization is the process of teaching and learning, and school discipline responsible for discussing this matter with the most diverse social classes is the geographical science, through its geographers educators. In order to contribute to the understanding of this issue, we recognize the complexity and, therefore, do not seek esgotá it, but bring some ideas and discussions that may contribute to the understanding of globalization space by contemporary society. Thus, considering the inseparable relationship between the process of globalization, the geographic space and the teaching of geography, by means of research and dialogue with educators and students.

RÉSUMÉ

Le thème de la [mondialisation] ont désormais une place d'importance dans les débats, depuis les années 1980-1990, qui a entraîné de profonds changements dans l'organisation de la société, ce qui se traduit directement et/ou indirectement, dans la compréhension des relations spatiales par la société contemporaine, S'ils politique, économique et social. Une taille plus touchés par la [mondialisation] est le processus d'enseignement et d'apprentissage, et de la discipline scolaire chargé de débattre de cette question avec les plus diverses classes sociales est la zone géographique la science, par l'intermédiaire de ses géographes éducateurs. Afin de contribuer à la compréhension de cette question, nous sommes conscients de la complexité et, par conséquent, ne cherchent pas esgotá, mais apporter des idées et des débats qui peuvent contribuer à la compréhension de la [mondialisation, l'espace par la société contemporaine. Ainsi, compte tenu de la relation inséparable entre le processus de [mondialisation], l'espace géographique et de l'enseignement de la géographie, par le biais de la recherche et le dialogue avec les éducateurs et les étudiants.

SUMÁRIO

<i>Capa</i>	i
<i>Folha de Rosto</i>	ii
<i>Parecer da Banca Avaliadora</i>	iii
<i>Ficha Catalográfica</i>	iv
<i>Agradecimentos</i>	v
<i>Resumo</i>	vi
<i>Abstract</i>	vii
<i>Résumé</i>	viii

INTRODUÇÃO.....

CAP.1 GLOBALIZAÇÃO: UMA DISCUSSÃO NECESSÁRIA.....

DISCUTINDO AS DIFERENTES IDÉIAS SOBRE GLOBALIZAÇÃO.....

GLOBALIZAÇÃO: O QUE ELA É?

ESPAÇO GEOGRÁFICO E GLOBALIZAÇÃO.....

CAP.2 GLOBALIZAÇÃO E OS MANUAIS DIDÁTICOS DE GEOGRAFIA.....

GLOBALIZAÇÃO E AS DIRETRIZES EDUCACIONAIS MINISTERIAIS.....

GLOBALIZAÇÃO E LIVROS DIDÁTICOS.....

Analisando os Livros Didáticos do Passado.....

Analisando os Livros Didáticos Atuais.....

CAP.3 O ENSINO DO TEMA DA GLOBALIZAÇÃO.....

DIALOGANDO COM OS GEÓGRAFOS EDUCADORES.....

DIALOGANDO COM OS ESTUDANTES.....

O LUGAR DA GLOBALIZAÇÃO NO ENSINO DE GEOGRAFIA.....

CONCLUSÃO.....

BIBLIOGRAFIA.....

ANEXOS:

ANEXO I – Ficha para o Questionário junto aos Educadores.....

ANEXO II – Resultados do Questionário junto aos Educadores.....

ANEXO III – Ficha para o Questionário junto aos Estudantes.....

ANEXO IV – Resultados do Questionário junto aos Estudantes.....

ANEXO V – Diferentes Imagens da Globalização.....

INTRODUÇÃO

Primeiramente, devemos enfatizar que, a maior parte das questões levantadas neste trabalho iniciaram-se, a partir das discussões realizadas no projeto de Iniciação a Docência “O Ensino de Geografia, a Globalização e o Imperialismo”, vinculado à (FFP-UERJ/SR1/CETREINA) e, coordenado pelo professor do Departamento de Geografia da UERJ-FFP, Eduardo Karol. Daí deriva, o interesse pelo o ensino do tema da globalização e a oportunidade de aprofundá-lo no presente trabalho.

O atual momento, que situa, a ocorrência dos processos contemporâneos depara-se com uma maior intensificação das relações, financeiras, comerciais, tecnológicas e, culturais, dentre outras. A intensificação destes processos é resultado da expansão do Sistema Capitalista de Produção do espaço geográfico em nível planetário, no qual, o alcance e as repercussões destes processos receberam o rótulo de globalização.

O termo globalização logo, tornou-se uma “palavra da moda”, um dos temas mais estudados e discutidos atualmente, por diversos pesquisadores e áreas do conhecimento e, aí, inclui-se a ciência geográfica. E, apesar de todo esse esforço teórico, conceitual e metodológico para analisar e descrever esse processo tipicamente capitalista, o uso demasiado do termo e a sua conotação ideológica. Contribuíram para a existência de uma confusão, referente à percepção e a interpretação dos processos que se desenvolvem no espaço geográfico, pela sociedade contemporânea.

Este grave problema quanto à compreensão espacial da globalização pela sociedade, repercuti em múltiplas dimensões de compreensão do espaço geográfico (economia, política, cultura, ideologia e educação) e, estas se encontram diretamente articuladas. Entendemos que um dos principais equívocos situa-se, numa suposta homogeneização do espaço geográfico, quando na realidade a globalização se projeta em espaços historicamente desiguais.

O que nos propormos a fazer neste trabalho é analisar e refletir sobre a origem do processo de globalização, suas mais variadas idéias e repercussões, entre outras questões. O objetivo central deste trabalho é o de discutir o modo como o tema da globalização é apresentado aos estudantes do ensino médio. Optamos por analisar esta etapa do processo de ensino e aprendizagem, pois a entendemos como sendo a responsável por tratar o tema da globalização com mais ênfase.

A relevância deste trabalho está centrada em discutir o ensino do tema da globalização pela análise espacial, articulando ao máximo as questões discutidas durante a nossa formação acadêmica.

Para se estruturar esse trabalho, optamos por dividi-lo em três capítulos, de forma a possibilitar uma linha de pensamento que permitisse analisar a evolução do processo de globalização e sua intrínseca relação ao desenvolvimento do Sistema Capitalista de Produção do espaço geográfico.

O primeiro capítulo, *Globalização: uma discussão necessária* aborda questões de caráter introdutório sobre o processo de globalização, suas origens e suas repercussões, as diferentes idéias e posicionamentos ideológicos, além da necessidade da compreensão espacial deste processo pela ciência geográfica (acadêmica e escolar).

O segundo, *Globalização e os manuais didáticos de geografia*, analisa a emergência deste termo, nos manuais didáticos do ensino de geografia (diretrizes educacionais ministeriais e livros didáticos); e, as possibilidades e limites destes manuais em relação ao tema, discutindo-se a necessidade da superação destes materiais e pelo educador e estudantes.

O terceiro, *O ensino do tema da globalização no ensino médio*, discute com educadores e estudantes, por meio de questionários e diálogo, a apreensão do tema. Procuramos observar, de que modo os professores tratam este tema junto aos estudantes e, por sua vez, as reflexões dos estudantes quanto ao tema. Onde, objetivamos situar o lugar da globalização na Geografia e no processo de ensino e aprendizagem.

A título de conclusão discutiremos a necessidade de refletir não só o modo como o tema da globalização é tratado, bem como, a importância do professor/pesquisador e o diálogo que deve existir entre educadores e estudantes em prol do processo de construção do conhecimento. Também optamos por inserir em anexo, alguns relatos dos estudantes e professores, além de algumas imagens sobre as diferentes visões sobre a globalização, pois consideramos que estas informações contribuem no esclarecimento do trabalho e do tema.

Por fim, devemos ressaltar que o termo globalização irá aparecer exaustivamente no decorrer deste trabalho, pois o nosso foco é justamente avaliar e analisar a forma como este processo é tratado no ensino médio de geografia e, o termo conforme, observaremos atualmente é um dos mais discutidos pela geografia e, pela sociedade.

CAPÍTULO I

GLOBALIZAÇÃO: UMA DISCUSSÃO NECESSÁRIA

A globalização é um processo¹ que vem ocasionando mudanças na organização espacial da sociedade contemporânea, sejam, econômicas, políticas, culturais e /ou educacionais. Analisar o atual processo de ensino-aprendizagem, sem estabelecermos nenhuma relação com tais transformações é negligenciar a própria dinâmica espacial da sociedade contemporânea.

A globalização é um fato e, tais mudanças se apresentam como sendo quantitativas e qualitativas e o foco principal sobre o processo de globalização é se interfere positivamente e/ou negativamente no modo como nos relacionamos com o mundo.

Tais mudanças são impulsionadas pela ação localizada dos países centrais em direção aos países periféricos, sob os preceitos da ideologia neoliberal²; pelo desenvolvimento tecnológico (comunicações instantâneas e transportes); e conseqüentemente pela expansão das empresas multinacionais. De modo geral, a globalização é um processo que também tende a combinar contraditoriamente, as mais variadas expressões da vida social. É, portanto, um processo intrínseco ao desenvolvimento do Sistema Capitalista de Produção do Espaço Geográfico.

A globalização também se revela como sendo um “fardo”, pois independentemente se a aceitamos ou não, direta e/ou indiretamente repercuti sobre todos os aspectos que fazem parte das relações sócio-espaciais - da nossa realidade - por mais banais (os programas de televisão, jornais e os produtos que consumimos diariamente) e/ou complexos que sejam (nossas relações comerciais, financeiras, culturais e educacionais). Conforme alguns autores afirmam a globalização é uma “palavra da moda”.

¹ “(...) a globalização pode ser vista como um processo, como uma condição ou como um tipo específico de projeto político (...) assumir o ângulo fundado no processo faz que nos concentremos, em primeira instância, no modo como a globalização ocorreu e está ocorrendo. Vê-la assim não presume que o processo seja constante nem impede de dizer que ele, entrou num estágio radicalmente novo ou chegou a uma condição particular ou mesmo ‘final’. Do mesmo modo, essa maneira de ver a globalização não a ‘naturaliza’ ” (Harvey, 2004, p. 81).

² Entendemos que o neoliberalismo é um fenômeno que vai ajustando todos os aparelhos estatais na condução do processo de reprodução do sistema capitalista; sendo um fenômeno distinto do liberalismo clássico, onde sua origem foi uma reação teórica e política contra o estado intervencionista, de bem-estar-social e/ou keynesiano. Sobre este assunto ver: Perry Anderson. *O balanço do neoliberalismo*. In: Sader e Gentili (orgs.): Pós-neoliberalismo. As políticas sociais e o Estado democrático. São Paulo: Paz e Terra: 1995.

Seguindo com atenção as repercussões que estão associadas à globalização, veremos que sua análise “engloba” os mais variados aspectos da sociedade contemporânea: o processo histórico; a dimensão econômica, política e cultural; suas diferentes visões e idéias; e o desigual processo de espacialização da sociedade contemporânea.

A análise do processo de globalização pela ciência geográfica deve ser feita com extremo cuidado, exercício que deve ser feito no intuito de refletirmos como a sociedade contemporânea está sendo organizada. Nesse sentido, é de fundamental importância evitar-se o distanciamento e/ou desqualificar o processo de globalização em curso, por razões pessoais, ou seja, pelo fato de não “gostarmos” da forma como o termo está sendo apresentado à sociedade contemporânea.

O tratamento que procuraremos dar a globalização, no presente trabalho, irá focalizar como o tema está sendo apresentado e tratado pela geografia, procurando-se compreendê-lo espacialmente. Mas para tanto, estaremos discutindo no próximo item algumas idéias pertinentes sobre o processo de globalização.

DISCUTINDO AS DIFERENTES IDÉIAS SOBRE A GLOBALIZAÇÃO

O conceito de globalização vem sendo utilizado e discutido por vários autores nos últimos anos. Todavia, a temática apresenta-se de modo bastante confuso, devido ao seu modismo usual. Conforme, Cardoso argumenta:

A globalização tornou-se uma espécie de palavra da moda. Muitas vezes dita, mas raramente com o mesmo significado. Trata-se, na verdade de, um daqueles conceitos tão amplos, que é empregado por diferentes pessoas para explicar fatos de natureza completamente diversa. Mesmo quando classificada como ‘econômica’, a globalização ainda pode ser associada a uma grande variedade de fenômenos (Cardoso, *apud*, Galvão, 1998a, p.38).

O modismo não é o único problema atribuído ao termo. Relacionado a este problema está, o posicionamento ideológico de cada autor e, toda a problemática em torno da ausência de um consenso para se definir a idéia central da globalização, aliás, definir o que é a globalização? Coloca-nos diante da necessidade de discutirmos suas características mais relevantes, desde sua(s) origem(s) às suas repercussões.

A discussão sobre o termo globalização emerge dos debates econômicos e das discussões acadêmicas, a partir dos anos 1980-1990, como sendo “uma palavra-chave para a organização de nossos pensamentos no que respeita ao funcionamento do mundo”,

(Harvey, 2004, p.79). Contudo, teremos uma série de debates com relação à datação deste processo. Consideramos que reside aí, um dos elementos que possibilitam compreender de forma objetiva a intencionalidade que está intrinsecamente relacionada ao uso do termo globalização.

No entanto, de modo algum, podemos recorrer à simples busca pela origem dos processos, num modo de tentar compreendê-los. Desta forma, estaremos nos arriscando a cair em proposições que podem mascarar a intencionalidade associada aos termos. No caso da globalização, não podemos compreendê-la sem nenhuma relação com a organização e a (re) organização da sociedade atual.

Por outro lado, observa-se a existência de uma confusão teórico-conceitual relacionada ao surgimento do termo globalização e às discussões sobre suas repercussões espaciais ao longo do tempo.

O contraste situa-se, no momento em que de fato o termo foi “criado”, anos 1980-1990; à própria expansão mundial do capitalismo, que encontra raízes ainda mais longínquas (1492). Deste modo, acaba por ocorrer um embate teórico em torno da periodização do processo de globalização, enquanto uma etapa, fase recente ou superior do Sistema Capitalista de produção do espaço geográfico que, de forma geral, foi acumulando e reproduzindo o capital de modo cada vez mais intenso, em anos relativamente recentes.

Podemos observar ainda, que a própria idéia sobre a globalização expressa uma sensação de ruptura entre o momento atual e o passado recente. Vale lembrar, que tal sensação de descontinuidade espaço-tempo, manifestava-se, anteriormente pelo conceito de “interdependência econômica”, nos anos 1970-1980. Deste modo, qualquer terminologia do momento tende a ficar indefinida (Galvão, 1998a).

O momento atual seria fruto de uma nova reestruturação produtiva em nível mundial, amparada pelo desenvolvimento de modernas tecnologias (comunicação instantânea e de transportes); que, por sua vez, contribuíram para uma intensificação das relações financeiras, crescimento e integração econômica em âmbito planetário.

Outro problema sobre o termo globalização, e talvez um dos responsáveis pela sua difusão e aceitação em nível mundial, está relacionado com a etimologia da palavra *global* que tem dois significados: o primeiro refere-se ao planeta Terra; e o segundo a noção de um todo. Talvez o problema resida na junção dos dois termos, dando a idéia de um mundo supostamente homogêneo (Cox, *apud*, Galvão, 1998a, p.47).

Entender a globalização como sendo um processo e/ou uma etapa da expansão capitalista, implica analisá-la a partir de um processo contínuo no tempo. A globalização tem uma longa presença na história, está associada aos próprios ajustes espaciais empreendidos pelo Sistema Capitalista de Produção. “Se, portanto, a palavra ‘globalização’ significa alguma coisa relativa à nossa geografia histórica recente, é bem provável que designe uma nova fase de exatamente esse mesmo processo intrínseco da produção capitalista de espaço” (Harvey, p.81, 2004).

A compreensão da dimensão espacial da sociedade atual associada à globalização, em suas múltiplas dimensões sociais, não estabelece um consenso sobre a datação deste processo. Entendemos que não é de extrema relevância, estabelecer um marco que simbolizará a origem deste processo, pois não existe consenso entre os mais diversos pesquisadores acerca de sua periodização.

O que é de fundamental importância é a análise, das mais variadas e numerosas posições ideológicas que tendem a explicar o momento atual a partir da utilização deste termo; a articulação sobre a relevância da dimensão temporal na organização social. E, a reflexão crítica sobre suas diferentes datações, além de suas interferências no modo como a sociedade contemporânea veio se organizando.

Nessa direção, podemos observar que “A Globalização econômica não é um processo inédito e assustador. É um processo que ocorre em ondas, com avanços e retrocessos separados por intervalos que podem durar séculos”. Estas ondas vão desde o Império Romano aos descobrimentos, guerras napoleônicas e ao período da história em que vivemos hoje (após a Segunda Guerra Mundial, com o colapso do socialismo). (Campos, *apud*, Galvão, 1998a, p.56-57).

Uma outra interpretação sobre a globalização, “descreve cinco fases no percurso que nos conduziu até o presente”: 1) germinal – do início do século XV a meados do XVIII, coincidindo com a dissolução do feudalismo na Europa; 2) incipiente – de meados do século XVIII à década de 1870, possibilitando uma concepção homogênea do Estado unitário; 3) da decolagem – de 1870 a meados dos anos 1920, representando o aumento no número e na velocidade, das formas globais de comunicação; 4) luta pela hegemonia – da década de 1920 ao final dos anos 1960, período marcado por disputas e guerras sobre os termos frágeis do processo de globalização (imperialismo); e, 5) fase da incerteza – ocorrendo no final dos anos 1960, com o aumento de uma maior consciência global, fim da

guerra fria, flexibilização, aceleração e complexificação financeira e informacional (Robertson, idem, p.41).

Costuma-se focalizar a globalização, a partir de processos recentes. Desenvolvimento que encontra um maior grau de intensificação, a partir dos anos 1980-1990, período marcado pelo uso das modernas tecnologias de comunicação e de transportes. Tal desenvolvimento tecnológico contribuiu por sua vez na “compressão do mundo” e/ou no encurtamento das distâncias, difundindo inclusive a idéia de “aldeia global” que, está relacionada a maior difusão das formas que possibilitam o conhecimento espacial do planeta.

Uma outra periodização descreve a globalização em três fases: a primeira compreende 1450-1850 e, é marcada pelo expansionismo mercantilista; a segunda vai de 1850 a 1950, caracteriza-se pela expansão “industrial-imperial-colonialista”; e, a terceira pós-1989, é evidenciada como sendo a “globalização recente”, marcada pelo desenvolvimento cibernético (tecnológico) (Roio, 1996).

Vale argumentar que o elemento em comum nos autores que periodizam a globalização, situa-se numa maior relevância atribuída ao termo, principalmente, após o colapso do socialismo, pois as relações capitalistas intensificaram-se “Está em curso um novo ciclo de globalização do capitalismo” (Ianni, p. 109, 1999). Ocorrendo “uma transformação quantitativa no sentido de que o capitalismo se torna concretamente global”. (Ianni, *apud*, Galvão, 1998a, p.47).

É sobre estas bases que a aplicação do termo ganha maior relevância, num sentido usual, por ir além de uma integração econômica e política e, repercutir em diversas dimensões da análise e da interpretação social que estão associadas à própria mundialização do capital³.

Como afirma Outhwaite e Bottomore (1996), o termo globalização só entrou em uso geral, a partir dos anos 1980. Sendo o processo que torna a população mundial cada vez mais unida em uma sociedade única, indicando ainda a carga política e ideológica presente no termo, bem como, que a criação desta sociedade atual é empreendida pela própria interação social em escala global.

³ Vale ressaltar que, o termo *mondiazation du capital*, como os franceses preferem. Trata-se de uma oposição não só lingüística, mas crítica ao termo *globalization* (do inglês). Consideramos que optar por um ou outro termo e/ou articular ambos. Não presume que a análise sobre o processo de expansão capitalista irá trilhar horizontes que não se deparem com o “desenvolvimento geográfico desigual”. Sobre a análise da mundialização do capital, ver a obra de François Chesnais, *A mundialização do capital*. São Paulo: Xamã, 1996.

Por outro lado, é importante refletir que todo o movimento que gira em torno desta, *palavra da moda*, traz consigo uma série de implicações não só ideológicas, mas também políticas e sociais que, por seu turno, estão amparadas pelo viés ideológico. Mézaros (2002) ao refletir sobre esta questão argumenta que:

O termo 'globalização' entrou em moda nos últimos tempos – mas evita-se cuidadosamente falar sobre o tipo de 'globalização' viável sob o domínio do capital. (...) é melhor que se deixe de fora de qualquer questionamento legítimo o fato de que o processo de globalização, como de fato o conhecemos, se afirme reforçando os centros mais dinâmicos de dominação (e exploração) do capital, trazendo em sua esteira uma desigualdade crescente e uma dureza extrema para a avassaladora maioria do povo, pois as respostas de um escrutínio crítico poderiam entrar em conflito com as políticas seguidas pelas forças capitalistas dominantes e seus colaboradores espontâneos do 'Terceiro Mundo'. No entanto, com essa globalização em andamento, que se apresenta como benéfica, nada se oferece aos 'países subdesenvolvidos' além da perpetuação da taxa diferenciada de exploração (p. 34).

As questões esboçadas por Mézaros (2002), evidenciam uma tese relacionada à produção de um espaço fragmentado e contraditório, produzido por atores sociais cujos interesses são distintos e que reforçam a própria exploração exercida pelos países centrais em direção aos periféricos - a própria exploração sócio-econômica -, deste modo, tratar a globalização apenas sobre uma ótica, onde ocorre um maior fluxo comercial e informacional. É amenizar relações culturais e sociais que, são elementos constituintes do espaço geográfico.

Com isso queremos destacar a falta de consenso, sobre o momento em que o mundo começou a se "globalizar"; quanto às idéias que lhe são relacionadas. Fato que proporciona a consagração do termo globalização, num sentido usual, para explicar os mais variados processos que a afetam a sociedade contemporânea, mas não quanto a sua definição e utilização.

As interpretações estão longe de serem consensuais entre os mais diversos pesquisadores. Assim, torna-se válido evidenciar ainda que, sobre o debate que gira em torno da globalização, podemos identificar três posicionamentos distintos, a dos: "arautos", "céticos" e "críticos":

Cada posicionamento ideológico indica preferência quanto à origem do termo e ao que representa. De modo geral, os arautos utilizam-se, principalmente dos anos 1980-1990 para divulgarem seus posicionamentos, quanto aos supostos benefícios da globalização (integração mundial); os céticos tendem a negar o discurso sobre os efeitos da globalização, "fim da Geografia", "fim da História" e o esvaziamento dos poderes do

Estado e, enfatizam que a globalização está relacionada à ampliação dos mercados mundiais; e, por fim, o posicionamento dos críticos associa a globalização ao processo evolutivo do Sistema Capitalista de Produção do espaço geográfico, representando então, apenas uma etapa, ou um ajuste espacial. Vale argumentar, que tal sistema apresenta início e fim, neste posicionamento teórico-ideológico (Galvão, 1998a e 1998b).

Concordamos com Beck (1999) que faz um alerta de como o termo globalização vem sendo apresentado à sociedade, pelos mais variados pesquisadores:

Globalização é, com toda a certeza, a palavra mais usada – e abusada – e a menos definida dos últimos e dos próximos anos; é também a mais nebulosa e mal compreendida, e a de maior eficácia política. Como mostram os exemplos apresentados (...) (Beck, p.44).

O próximo item do presente trabalho contribuirá para o esclarecimento da conceitualização e definição desta “palavra da moda”.

GLOBALIZAÇÃO: O QUE ELA É?

Todos aqueles que desejam ler, dizer ou escrever algo que envolva a palavra globalização devem evitar simplificações, generalizações e conclusões apressadas. (Galvão, 1998b, p.149).

A busca para se definir o termo globalização, permite interpretar de várias formas como se processam as relações espaciais ao longo do tempo, pois o caráter instrumental dos variados discursos é reflexo do posicionamento de quem os utiliza (idem, p.150).

Os trabalhos que procuram defini-la, teórico e conceitualmente se relacionam de uma forma ou de outra com o desenvolvimento do Sistema Capitalista de Produção do espaço geográfico, porém distanciam-se, quanto ao que realmente pretendem dizer ou mesmo definir, visto os aspectos positivos e/ou negativos, entre outros, que comumente estão associados.

Seguindo com atenção os diferentes discursos sobre a globalização, podemos verificar também a presença de diversos questionamentos sobre o que ela é. Estes questionamentos partem, de modo geral, do posicionamento de cada autor. Para refletirmos sobre o que vem a ser a globalização e os seus questionamentos, Rosenau formulou dezesseis questões para pensarmos que, dentre as quais, destacamos as seguintes:

A globalização é uma condição, um estado final ou um processo? Constitui uma mudança? Implica homogeneização ou diversidade? É conduzida pela economia, inovações tecnológicas, crise ecológica ou por outras dinâmicas? O mundo está se tornando, um único lugar? É unidirecional ou multidirecional? A distância entre ricos e pobres é inerente? Deve ser bem-vinda ou rejeitada? Pode ser conduzida e, caso possa, em que direção? (Rosenau, *apud*, Galvão, 1998a, p.40). O desenvolvimento de tais questionamentos não determina uma resposta sobre o que seja a globalização, apenas “esclarece” que pode existir mais de uma.

A realidade, é que a busca em se definir e contextualizar o processo de globalização é uma tarefa extremamente difícil, implica confrontar definições, muitas vezes de cunho ideológico, e sistematizá-las. Exercício que deve ser feito no intuito de se compreender sócio-espacialmente a sociedade contemporânea.

Uma grande contribuição para a definição da globalização foi feita por Wolf ao apresentar a face financeira e comercial do processo, consolidando a própria idéia de globalização econômica. Vale frisar que o autor articula o conceito de globalização ao de interdependência econômica, demonstrando uma relação dialética entre os lugares.

globalização é a crescente interdependência econômica dos países em todo o mundo, gerada pela expansão no volume e variedade das transações de bens e serviços entre eles, dos fluxos de capital, bem como pela difusão mais rápida e abrangente da tecnologia (Wolf, *apud*, Galvão, 1998a, p. 37).

Além das idéias apresentadas pela economia sobre a globalização; os discursos feitos pela sociologia são influenciados por dois autores: Robertson que trata das dimensões cultural e subjetiva; e, Giddens que a explica como sendo uma parte da construção da modernidade.

Para Robertson:

globalização é a interação freqüentemente problemática (...) cultural, social, étnica, regional e mesmo individual. Contraditoriamente envolve pressões para que os atores sociais se situem no contexto da história e do futuro mundiais, ao mesmo tempo em que difunde a expectativa de que se afirmem as identidades (idem, p.41).

Em contrapartida, Giddens define:

globalização como a intensificação das relações sociais de alcance mundial, que vinculam lugares distantes de tal forma que acontecimentos locais são influenciados por eventos remotos, e vice-versa. (ibidem, p.44)

Vale ressaltar ainda que para Giddens a globalização seja uma relação dialética, influenciada pelo próprio desenvolvimento das tecnologias (modernização), no qual, os lugares acabam por serem afetados por outros locais, cada vez mais distantes. Desencaixando a própria noção e a estrutura de tempo-espço contida na escala local, onde as relações sociais de uma dada população eram pontualmente localizadas.

Outra grande contribuição é feita por Santos (2001), argumentando que:

globalização é, de certa forma, o ápice do processo de internacionalização do mundo capitalista. Para entendê-la, como, de resto, a qualquer fase da história, há dois elementos fundamentais: o estado das técnicas e o estado da política (p.23).

Concordamos com a definição feita por Santos (2001), pois articular a globalização ao Sistema Capitalista, mesmo que superficialmente, vêm a ser uma possibilidade de se refletir as definições evidenciadas acima, dentre outras.

A globalização afinal de contas nada mais é do que uma forma de se sintetizar todos os aspectos da vida social da humanidade num termo; constituindo uma mudança de foco no que diz respeito à “palavras bem mais carregadas politicamente, como imperialismo⁴” (Harvey, 2004, p.79).

Em virtude disso, o autor propõe uma mudança de linguagem: de “globalização” para “desenvolvimento geográfico desigual” por oferecer abundantes oportunidades de organização e ação políticas (idem, p.98).

As considerações feitas por Santos (2001) e Harvey (2004), apontam à necessidade e a importância de se compreender a globalização espacialmente.

Portanto, tendo-se em vista que é um processo multidimensional a, própria contextualização da globalização. Permite falar em “globalizações”: econômica, política, cultural e ideológica. O eixo que articula as dimensões da vida social, muitas das quais subjetivas (cultura e sociedade) com a objetividade do Sistema Capitalista (economia, política e sociedade) é precisamente o espaço geográfico.

ESPAÇO GEOGRÁFICO E GLOBALIZAÇÃO

⁴ Durante as discussões realizadas no projeto, o *Ensino de Geografia, a Globalização e o Imperialismo*, desenvolvido na UERJ/FFP e, coordenado pelo professor Eduardo Karol. Percebemos a exclusão do termo *imperialismo* nas discussões por quase todo o século XX e a sua retomada nos debates atuais. Ocasionalmente certa confusão entre os termos globalização e imperialismo, de modo geral, ambos os termos situam processos históricos semelhantes, tendo-se em vista a própria conjuntura em que foram criados.

Vivemos num mundo confuso e confusamente percebido. Haveria nisto um paradoxo pedindo uma explicação (Santos, p.17, 2000).

Refletir sobre o espaço e/ou o espaço geográfico é de fundamental importância para o entendimento das repercussões causadas na organização da sociedade contemporânea, pela globalização, processo que está inserido dentro da própria lógica do Sistema Capitalista, pois este sistema foi o que mais atuou no espaço geográfico.

É importante destacar que a própria noção conceitual de espaço tem tratamento distinto:

‘espaço geográfico’ e ‘espaço econômico’. (...) o espaço econômico opor-se-ia ao espaço banal, que deveria interessar a todo mundo e se definiria por ‘relações geocômicas (...) nas quais os ‘homens e os grupos humanos (...) encontram o seu lugar’, quer dizer o espaço geográfico (Santos, 1978, p.61).

A par das considerações feitas por Milton Santos, notamos certo descompasso existente entre o “espaço geográfico” e o “espaço econômico”, pois é precisamente no espaço dito como sendo econômico que os fluxos de capital percorrem com mais intensidade o mundo. E, com isso, os divulgadores da globalização encontram maiores suportes para tecerem suas formulações acerca deste processo de produção espacial.

Em primeiro lugar, interessa-nos o fato de que, no bojo das discussões existentes na relação entre o espaço geográfico e a globalização disseminou-se a idéia de uma suposta homogeneização das relações sócio-espaciais em nível mundial. Ocasionalmente mudanças drásticas na forma como muitos seres humanos se relacionam com o espaço geográfico (Sene, 2003, p. 119); Mas, é notório que a maior parcela da sociedade está à margem deste processo. Portanto a complexidade existente no espaço geográfico é negligenciada.

O espaço geográfico é um conjunto indissociável de sistemas de objetos naturais ou artificiais (constituídas de paisagem e, associadas ao desenvolvimento das técnicas) e de sistemas de ações (política, economia e por relações sociais cotidianas) (Santos, 1994). Processos estes que, permitem analisar a própria organização sócio-espacial.

Em segundo lugar, a globalização tem como base a produção do espaço que, se dá através da interação entre a ciência e as técnicas (tecnociência) (Santos, 1997). Neste momento atual, os avanços das técnicas e das tecnologias modificaram e fizeram acelerar o tempo-espaço das sociedades, conforme Harvey (2004) resgata em Marx, havendo um “aniquilamento do espaço pelo tempo”; ou uma compressão “espaço-temporal” (Roberts, 1992; Harvey, 2004) provocando uma “aceleração contemporânea” (Santos, 1996).

O tempo tecnológico via inovações, assume um papel fundamental. É neste sentido que, essas novas técnicas e tecnologias são ao mesmo tempo, resultado e condição do processo de expansão do Sistema Capitalista, ou seja, do desenvolvimento do processo de globalização, pelo qual, a análise espacial e temporal dos processos sociais que o termo tende a “englobar” pressupõe um caráter homogêneo e descontínuo.

Vale lembrar que, “A história não se escreve fora do espaço, e não há sociedade a-espacial. O espaço, ele mesmo, é social” (Santos, citado por Callai⁵) e, deste modo, entendemos a globalização juntamente com a produção do espaço geográfico que está intrinsecamente relacionada à continuidade temporal.

Terceiro, o desenvolvimento geográfico da globalização é desigual e contraditório, social e espacialmente. Para Santos (1997, p.31).

O espaço se globaliza, mas não é mundial como um todo senão como metáfora. Todos os lugares são mundiais, mas não há um espaço mundial. **Quem se globaliza mesmo são as pessoas** [grifo nosso].

Estas considerações demonstram que, as relações sociais existentes no espaço geográfico pressupõem que nem o espaço nem a globalização são homogêneos. Nem presume que exista um tempo e um espaço mundial, pois “Quem se globaliza mesmo são as pessoas” desigualmente.

Ao expor a inexistência de um espaço global, Santos (1996) ainda contribui para a discussão ao argumentar que o espaço geográfico da globalização é possibilitado pela conexão instantânea de algumas cidades - “cidades globais”⁶ -, no qual, a articulação entre estes lugares é feita por uma “geografia das redes”, graças ao avanço das tecnologias, principalmente no que se refere aos transportes e às telecomunicações.

A “geografia das redes” é amparada pelo desenvolvimento técnico-científico-informacional e, possibilita o deslocamento e a circulação das idéias, dos fluxos financeiros e das mercadorias numa velocidade e simultaneidade nunca experimentada antes; quanto à circulação de pessoas, o status de “cidadão global” é conferido apenas para uma minoria da população mundial e, atualmente ainda existe uma série de restrições para a circulação das pessoas e para a circulação de mercadorias.

Quarto, o processo de globalização é viabilizado pelo espaço geográfico, e alguns fatores apontados por Santos (2000, p.24) facilitam a compreensão espacial da globalização: “a unicidade da técnica, a convergência dos momentos, a cognoscibilidade do planeta e a existência de um motor único na história, representado pela mais-valia globalizada”.

A *unicidade da técnica* deve ser entendida como a capacidade para equipar técnica e produtivamente qualquer espaço. A *convergência dos momentos* é possibilitada pela

⁵ CALLAI, Helena Copetti. Aprendendo a ler o mundo nas séries iniciais. Cad. Cedes, Campinas, vol. 25, n. 66, p. 227-247, maio/ago. 2005. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>.

⁶ As cidades-globais são por excelência lugares que devem possuir, infra-estrutura de transportes e de telecomunicações extremamente eficazes, pois são fundamentais para a implementação e o gerenciamento de operações econômicas mundiais. Estes lugares ainda concentram as principais matrizes bancárias, de serviços e indústrias atuantes em diversos países e, portanto, constituem-se nos principais centros de comando político e poder econômico.

capacidade de comunicação instantânea, que é representada pela unificação técnica. Por fim, o *motor único na história*, compreende a ação centralizada e direcionada das técnicas pelas políticas.

Quinto, a questão fundamental sobre o espaço da globalização, pode ser interpretada de três formas diferentes que tem como base os fatores descritos acima. Assim, a globalização pode ser entendida: como fábula; como ela é (perversa); e, como possibilidade (por uma outra globalização) (Santos, 2000).

A globalização como fábula é imposta por uma “máquina ideológica”, gerada pelo Sistema Capitalista para encobrir e/ou mascarar as diferentes facetas da globalização.

Este mundo globalizado, visto como fábula, erige como verdade um certo número de fantasias, cuja repetição, entretanto, acaba por se tornar uma base aparentemente sólida de sua interpretação (TAVARES, *apud*, SANTOS, 2000, p.18)

(...) Fala-se, por exemplo, em aldeia global para fazer crer que a difusão instantânea de notícias realmente informa as pessoas. A partir desse mito e do encurtamento das distâncias – para aqueles que realmente podem viajar – também se difunde a noção de tempo e espaço contraídos. É como se o mundo se houvesse tornado, para todos, ao alcance da mão. (SANTOS, 2000, p.18-19).

“De fato, para a grande maioria da humanidade a globalização está se impondo como uma fábrica de perversidades” (idem, p.19). O mundo como ele é, perverso permite compreender as realidades do mundo e como elas se apresentam:

O desemprego crescente torna-se crônico. A pobreza aumenta e as classes médias perdem em qualidade de vida. O salário médio tende a baixar. A fome e o desabrigo se generalizam em todos os continentes. Novas enfermidades como a SIDA se instalam e velhas doenças, supostamente extirpadas, fazem seu retorno triunfal. A mortalidade infantil permanece, a despeito dos progressos médicos e da informação. A educação de qualidade é cada vez mais inacessível. Alastram-se e aprofundam-se males espirituais, e morais, como os egoísmos e os cinismos, a corrupção (ibidem, p.19-20).

O mundo como possibilidade refere-se às mudanças cabíveis dentro da própria lógica capitalista de produção, uma vez que, “O sistema político utiliza os sistemas técnicos contemporâneos para produzir a atual globalização”:

E quando digo uso político, digo uso econômico e cultural, porque neste fim de século tudo se tornou político; a economia é feita a partir da política, a cultura é base para a política e resulta da política. Esse é o debate central, o único que nos permite ter a esperança de utilizar o sistema técnico contemporâneo a partir de outro paradigma” (SANTOS, 1999, p.3).

Harvey (2004) chama atenção para o fato de que a globalização, enquanto um projeto geopolítico deve ser enfrentado, pois quem a introduziu no programa foram os

interesses da classe capitalista, através da política empreendida pelos Estados Unidos (p.99).

Nessa perspectiva, o importante é perceber que a discussão apontada por Harvey (2004) e Santos (1994, 1996, 1999, 2000) sobre os rumos da política contemporânea que são realizados no espaço geográfico. É que estão sendo utilizadas diferentemente pelas classes hegemônicas e hegemônicas, respectivamente, as “do mando” e as “do fazer”. O paradoxo situa-se na reflexão sobre uma suposta homogeneização do espaço geográfico. Quando na realidade, se projeta diretamente em espaços, historicamente desiguais que, são organizados pela ação política.

Este grave problema acerca da percepção e interpretação do espaço geográfico da globalização, conforme já argumentamos é a sua utilização pelos atores hegemônicos que apresentam as classes hegemônicas, um espaço geográfico mundial, que negligencia a desigualdade entre os lugares e as pessoas. Portanto, os processos sociais devem se desenvolver na e para a sociedade contemporânea, e discutida pela análise espacial.

Deste modo, torna-se fundamental para o presente trabalho, analisar em que medida este “mundo globalizado” é apresentado aos estudantes do Ensino Médio de Geografia pelos manuais didáticos (diretrizes educacionais e livros didáticos) e pelos professores. Debate que iremos iniciar no próximo capítulo.

CAPÍTULO II

GLOBALIZAÇÃO E OS MANUAIS DIDÁTICOS DE GEOGRAFIA

A emergência da globalização como sendo uma forma de compreensão do mundo, repercutiu no tratamento dado por este tema nos manuais didáticos (diretrizes educacionais ministeriais e livros didáticos de geografia); e também na prática de ensino dos educadores de geografia.

Em meio, a uma confusão teórica, conceitual e ideológica em torno da globalização: seus supostos benefícios ou malefícios, se realmente existe ou não, dentre outros. A geografia escolar apresenta-se, como sendo uma das ferramentas responsáveis e capazes de possibilitar a conscientização da sociedade sobre a sua própria dinâmica socioespacial, levando-se em consideração ainda o saber geográfico que historicamente foi se acumulando.

Como já pudemos observar a própria idéia de globalização assinala uma ruptura entre o passado e o presente. No Brasil, esta sensação foi acentuada a partir de dois planos: no plano externo, a queda do muro de Berlim e a consolidação do pensamento liberal; e, no plano interno, a redemocratização da economia empreendida pelas eleições presidenciais de 1989, com posterior abertura da economia nos anos 1990 (Galvão, 1998a).

É por esta via e, amparada pelo desenvolvimento de novas tecnologias, que o ensino do tema da globalização veio ganhando destaque no Brasil e, inseriu-se decisivamente para nortear os manuais didáticos e a prática de ensino do professor de geografia.

Contudo, a geografia escolar também se apresenta como uma das responsáveis por discutir este tema, conceitualmente, através de suas ferramentas para o processo de ensino-aprendizagem e pelo diálogo, afim de divulgá-lo à sociedade.

Por este motivo, a geografia não pode negligenciar a importância dos manuais didáticos. Analisaremos as implicações teóricas e conceituais determinadas pelos manuais didáticos e, que por sua vez, são transmitidas aos professores de geografia e aos seus estudantes.

GLOBALIZAÇÃO E DIRETRIZES EDUCACIONAIS MINISTERIAIS

O Ministério da Educação e Cultura (MEC) criou e passou a disponibilizar diretrizes que possam orientar os professores nas diferentes etapas do processo de ensino-

aprendizagem. Tendo em vista o tratamento de questões e temas fundamentais para a formação sócio-educacional dos estudantes⁷. Relacionadas a estas diretrizes, incluem-se os professores de geografia; o ensino médio; e o tema da globalização.

As diretrizes educacionais foram sendo gradualmente publicadas e difundidas, dentre estas se encontram a: Lei de Diretrizes e Bases (LDB, 1996); Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, Ensino Médio, 1998); Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN, 1998); Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais (OECPN, 1999), dentre outras. Estas diretrizes referem-se a uma reforma educacional que visa estabelecer referências educacionais comuns.

Vale frisar, que tais diretrizes educacionais não são obrigatórias aos professores e, aparecem, conforme o próprio termo indica como sendo orientações que, podem ou não ser utilizadas pelos professores. O que é obrigatório são os conhecimentos que estas disciplinas recortam e as competências e habilidades a eles referidos e mencionados nos documentos citados.

Nos concentraremos na análise dos PCNs do Ensino Médio, mas uma orientação dada pelos PCNs do Ensino Fundamental deve ser lida atentamente: “Os PCNs (...) representam subsídios teóricos que devem ser entendidos como ponto de partida, e não de chegada, para o professor trabalhar os conteúdos da Geografia” (1998, p.37).

Sobre o ensino do tema da globalização, observamos que as diretrizes complementam-se em diversos pontos, no qual, o parâmetro educacional comum, está relacionado às transformações que vem ocorrendo no mundo contemporâneo, a partir dos anos 1990.

Com estas transformações em escala mundial, as mudanças no ensino médio que vêm sendo argumentadas pelas diretrizes educacionais no Brasil estão relacionadas à redemocratização do país em 1989 e, a posterior abertura político-econômica nos anos 1990; e, a influência permanente da ciência e da técnica na organização espacial.

O Ensino Médio no Brasil está mudando. A consolidação do Estado democrático, as novas tecnologias e as mudanças na produção de bens, serviços e conhecimentos exigem que a escola possibilite aos alunos integrarem-se ao mundo contemporâneo nas dimensões fundamentais da cidadania e do trabalho (Brasil, [Bases Legais], p. 4, 2000).

⁷ As diretrizes curriculares surgiram também como sendo uma tentativa de melhorar a interdisciplinaridade entre os professores. Não iremos tratar profundamente, esta questão no presente trabalho. Mas a entendemos como sendo uma possibilidade de se pensar e agir coletivamente por meio do diálogo. Sobre este assunto ver: Ivani Fazenda. *A questão da interdisciplinaridade no ensino*. São Paulo, v.9, nº 27, set. 1987.

É necessário ressaltar também que apesar das mudanças educacionais em curso, empreendidas pelas diretrizes educacionais, permanece a idéia de que a educação está diretamente relacionada à formação do cidadão para o mundo produtivo, tal como ocorrera em bases fordistas.

Há a necessidade de se formar trabalhadores específicos a cada momento histórico. Neste momento de reestruturação produtiva, intensificada nos anos 1990, os autores argumentam a necessidade de um operário flexível que seja capaz de se adaptar as constantes mudanças impostas pelas técnicas e tecnologias; diferentemente do que ocorreu na etapa de rigidez educacional, durante o ideário taylorista-fordista. Impondo desta forma novos parâmetros para a formação de cidadãos (Souza e Oliveira, 2003).

Considerando-se tal contexto, buscou-se construir novas alternativas de organização curricular para o Ensino Médio comprometidas, de um lado, com o novo significado do trabalho no contexto da globalização e, de outro, com o sujeito ativo, a pessoa humana que se apropriará desses conhecimentos para o mundo do trabalho e na prática social. Há, portanto, a necessidade de se romper com modelos tradicionais, para que se alcancem os objetivos propostos para o Ensino Médio. (idem)

Esta perspectiva em se formar cidadãos para o mundo do trabalho perpassa quase todas as discussões da LDB (1996). Onde “A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social” (p.1).

O ensino contemporâneo é claramente contraditório, marcado pela necessidade de se formar trabalhadores adequados ao mercado de trabalho e para a prática social. No qual, suas competências, habilidades e posicionamento crítico são mobilizados e modelados de acordo com as necessidades de um mundo supostamente globalizado.

Portanto, uma das finalidades das diretrizes educacionais e dos parâmetros educacionais visa inserir os estudantes neste “mundo globalizado”. E, encontram no ensino médio à possibilidade de estabelecer referências educacionais comuns não só para os estudantes, professores e livros didáticos, mas também para as escolas. Tanto no que se refere aos conhecimentos necessários à inserção social, quanto aos conhecimentos relacionados ao tema da globalização, pois o ensino médio constitui-se na:

Etapa da escolaridade que tradicionalmente acumula as funções propedêuticas e de terminalidade, ela tem sido a mais afetada pelas mudanças nas formas de conviver, de exercer a cidadania e de organizar o trabalho, impostas pela nova geografia política do planeta, pela globalização econômica e pela revolução tecnológica. (Brasil, [DCNEM], p.16, 1998a).

Não podemos perder de vista, no entanto, os conhecimentos que os parâmetros curriculares consideram ser a base estrutural da geografia e o tratamento do tema da globalização. Vale destacar que “mais que os conteúdos, são os conceitos e seu alcance os definidores do caráter da Geografia a ser encaminhado no Ensino Médio”, possibilitando ao professor de geografia mais detalhes e orientações de como o tema da globalização pode ser abordado (Brasil, [OECPCN], p.55, 1999).

O parâmetro acima expõe seis conceitos chave, dentre os quais: Espaço geográfico; Paisagem; Lugar; Território; Escala; Globalização, técnicas e redes. Sendo evidenciado ainda sua concepção norteadora e os seus elementos de aprofundamento. “Na realidade, trata-se de um conjunto de conceitos que se encaixa com nitidez nos objetivos do ensino da disciplina no Ensino Médio e com as próprias características essenciais da Geografia como ciência” (idem, p.55).

Os Conceitos Estruturadores da Geografia

Conceito	Concepção norteadora	Elementos de aprofundamento
Espaço geográfico	Conjunto indissociável de sistemas de objetos (redes técnicas, prédios, ruas) e de sistemas de ações (organização do trabalho, produção, circulação, consumo de mercadorias, relações familiares e cotidianas) que procura revelar as práticas sociais dos diferentes grupos que nele produzem, lutam, sonham, vivem e fazem a vida caminhar. (Milton Santos)	O espaço é perceptível, sensível, porém extremamente difícil de ser limitado, quer por dinâmica, quer pela vivência de elementos novos e elementos de permanência. Apesar de sua complexidade, ele apresenta elementos de unicidade. Interferem nos mesmos valores, que são atribuídos pelo próprio ser humano e que resultam numa distinção entre o espaço absoluto – cartesiano – uma coisa em si mesmo, independente; e um espaço relacional que apresenta sentido (e valor) quando confrontado a outros espaços e outros objetos.
Globalização, Técnicas e redes	O fato gerador é o processo de globalização, que corresponde a uma etapa do processo de implementação de novas tecnologias, que acabaram por criar a intercomunicação entre os lugares em tempo simultâneo. Para sua ocorrência, torna-se fundamental a apreensão das técnicas pelo ser humano e a expressão das redes, que não se restringem à comunicação, mas englobem todos os sistemas de conexão entre os lugares.	A globalização é basicamente assegurada pela implementação de novas tecnologias de comunicação e informação, isto é, de novas redes técnicas que permitem a circulação de idéias, mensagens, pessoas e mercadorias, num ritmo acelerado, criando a interconexão dos lugares em tempo simultâneo.

Fonte: Brasil, OECPCN, p.56, 1998b.

Sobre o conceito de espaço geográfico cabe ressaltar que a definição utilizada por este parâmetro, tem como base a contribuição feita pelo geógrafo Milton Santos. Desta forma, notamos uma preocupação por parte dos formuladores desta diretriz educacional em transmitir aos seus leitores a importância das bases conceituais da geografia e do seu ensino.

O tratamento do tema da globalização ocorre pelos processos que basicamente o asseguram (tecnologias de informação e de transportes), estando associada aos conceitos de espaço geográfico, técnicas e de redes. Entretanto, a concepção norteadora expressa nos documentos ministeriais apresenta uma série de implicações ideológicas.

O posicionamento ideológico explícito na (OECPCN, 1998b) associa o conceito de globalização à homogeneização e unificação das relações sociais que se desenvolvem no espaço terrestre (p.57), negligenciando outras discussões que, questionam justamente o seu contrário.

Por outro lado, vale destacar, a importância dada por esta diretriz educacional no tratamento dos conceitos que estruturam em conjunto a ciência geográfica, tais como: o de Paisagem, Lugar, Território e Escala.

Um ponto que merece destaque sobre as diretrizes educacionais refere-se às sugestões de eixos temáticos que podem ser utilizados pelo professor. Por meio, de temas e subtemas que compõem as discussões realizadas pela geografia escolar e, aí se inclui, o ensino do tema da globalização.

Sugestão de Eixos Temáticos

Temas	Subtemas
O mundo em transformação: as questões econômicas e os problemas geopolíticos	
1. Um mundo que se abre	<ul style="list-style-type: none"> • Redes, técnicas, fluxos; • O fim da Guerra Fria e a expansão do capitalismo.
2. Um mundo que se fecha	<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolvimento e subdesenvolvimento: distâncias que aumentam; • Blocos econômicos. Interesses políticos.
O homem criador de paisagem/modificador do espaço	
1. O espaço geográfico produzido/apropriado	<ul style="list-style-type: none"> • O espaço das técnicas: sistemas de objetos; sistemas de ações; • Fluxos, estradas, redes de comunicação; • Divisão internacional do trabalho e da produção.

Fonte: Brasil, OCPCN, p.66-68, 1999.

Contrariando nossas expectativas, onde no decorrer da leitura sobre as diretrizes educacionais, localizamos diversas menções ao termo globalização, na sugestão para a construção de eixos temáticos, não localizamos nenhuma referência direta ao termo. Os temas associam-se implicitamente à globalização, cabendo então ao professor de geografia escolher quando trabalhar o tema e quais os temas serão correlacionados.

Portanto, a globalização e as diretrizes educacionais ministeriais do ensino médio, abrangem uma série de fatores e processos que devem ser analisados, considerados e tratados ou não pelo professor de geografia. Analisaremos no próximo tópico, o tema da globalização nos livros didáticos de geografia do ensino médio.

GLOBALIZAÇÃO E LIVROS DIDÁTICOS

Juntamente com as diretrizes do Ministério da Educação que, surgiram para fornecer novas reflexões sobre o processo de ensino e aprendizagem. Os livros didáticos são ferramentas que foram desenvolvidas para facilitar este processo.

É precisamente nos livros didáticos que o saber institucionalizado, apresenta-se como sendo uma ferramenta de maior eficácia no diálogo que deve existir entre o educador e o estudante.

Para compreendermos a importância dada aos livros didáticos, na formação sócio-educacional da sociedade brasileira. Vale argumentar que, a sociedade num todo, não questiona as discussões e os conteúdos propostos nos livros didáticos, tarefa realizada pelas discussões acadêmicas e pelo Ministério da Educação; os livros didáticos de certa maneira tornam-se os detentores do conhecimento e, o professor um agente capaz de decodificar as informações apresentadas nos livros. Minimiza-se desta forma a importância em se formar e preparar os professores, procedimento que contribuiu, inclusive, para justificar o ensino a distância⁸.

Em contrapartida, é válido evidenciar que os autores dos livros didáticos cada vez mais demonstram preocupações com relação ao desenvolvimento cognitivo, psicológico, conceitual e com a clareza lingüística que cada tema deve possuir. Possibilitando, desta forma um maior interesse tanto por parte do estudante quanto do professor acerca dos temas que são desenvolvidos nos livros.

⁸ Temos observado atualmente uma proliferação de cursos do ensino fundamental, médio, profissionalizantes e universitários que, tem como base, o distanciamento do diálogo entre estudantes e professores, o ensino a distância. Consideramos que as dimensões econômicas, políticas, sociais e tecnológicas são as responsáveis pela disseminação e consolidação destes cursos.

É neste sentido que a análise de como, o tema da globalização é tratado nos livros didáticos do ensino médio. Deve levar em consideração as problemáticas evidenciadas acima, pois estão intrinsecamente “englobadas” ao processo de ensino e aprendizagem.

Fica claro, portanto, a importância de se analisar e avaliar os livros didáticos. Tendo-se em vista ainda, que são construídos de acordo com o posicionamento crítico de cada autor ou autores e, muitas das vezes os conteúdos propostos podem ser desenvolvidos sem imparcialidade pelo seu idealizador.

Analisando os Livros Didáticos do Passado

Antes de iniciarmos a análise do tema da globalização nos livros didáticos atuais, fizemos uma breve caracterização e familiarização sobre a gradual inserção deste tema em alguns livros didáticos antigos de geografia do ensino médio.

No livro, “Geografia: ciência do espaço (O espaço mundial)” de Pereira, Santos e Carvalho (1987) ou no livro que enfatiza (O espaço brasileiro) não é feita nenhuma menção ao termo. Visto que a publicações destes livros datam de um período anterior ao fim da Guerra Fria e à (re)organização capitalista no Brasil, dos anos 1990, ou seja, período anterior a própria difusão da idéia de globalização.

O termo utilizado pelos autores acima, para explicar processos relativamente semelhantes sobre a organização do espaço geográfico mundial foi o *imperialismo*. Onde, periodizaram a expansão mundial do capitalismo em três fases: do século XV ao XIX (expansionismo europeu); do século XIX até 1945 (com a conquista e incorporação de novos territórios e com a formação das multinacionais); de 1945 até nossos dias “1988” (com a eliminação do uso constante de forças militares por dois caminhos: exportação de capitais, empréstimos e parques industriais). De modo geral, para os autores são os fluxos que “tornam a economia dos países cada vez mais interligada e interdependente”, onde “as partes do globo se interligam por meio das vias de circulação” (p.205, 209).

Dando continuidade as discussões propostas Pereira, Santos e Carvalho (1993), motivados pelas críticas à primeira versão do livro e pelas transformações quantitativas e qualitativas no espaço geográfico brasileiro (inserção do neoliberalismo; surgimento de movimentos populares de cunho ético-político e por questões ambientais). Levaram seis anos para apresentaram a nova versão do livro didático que enfatiza (O espaço mundial) e,

(e mantiveram a estrutura do livro em três grandes blocos temáticos: O espaço da Produção, da Circulação e das Idéias); e, nenhuma menção ao termo globalização.

Podemos observar noutros livros didáticos, posteriores a 1989 que o Sistema Capitalista de produção do espaço geográfico avançou em nível mundial. Processo que possibilitou ao termo globalização, se inserir *gradualmente* nos livros didáticos de geografia.

No livro de Coelho, “Geografia do Brasil” (1990), editado em 1992 e 1993; ou ainda na “Geografia do Brasil” de Antunes (1991) não localizamos, nenhuma referência ao termo globalização.

Seguindo com atenção as transformações no conteúdo dos livros didáticos, veremos que o livro de Magnoli e Araújo (1993) fazem referências na “Unidade I – A Economia Mundial” à “Economia Global” (1º Capítulo) e ao “Brasil na Economia Global” (2º Capítulo). Na mesma perspectiva o livro de Vesentini (1995) “Sociedade e Espaço” que trata da geografia política do mundo atual, aparecem algumas referências ao termo global: no 6º Capítulo “Geopolítica e Geoestratégia”, precisamente no quarto tópico “Guerra global e guerra dos lugares” e, igualmente, nenhuma menção à palavra globalização.

È pontualmente no livro de Scalzaretto “Geografia Geral: nova geopolítica” (1996) que localizamos não só referências ao termo, mas também a existência de discussões. O tema da globalização é iniciado com o fim da Guerra Fria possibilitando nos anos 1990, uma nova configuração geopolítica mundial.

O termo utilizado para explicar esta nova configuração é a globalização. Vale frisar que, o autor se restringiu em discutir o tema a partir de uma caracterização que consideramos como sendo inconsistente. Vejamos então a caracterização da globalização para o autor:

Parece inevitável, neste final de século, a globalização ou mundialização da economia e, conseqüentemente dos modelos de organização sóciopolíticos. Considera-se, no entanto, que esse processo poderá seguir dois caminhos distintos: a globalização por interdependência e a globalização por competitividade (p.18).

A discussão sobre o termo globalização neste período, mostra-se como sendo inexistente ou incipiente. E, nos revela que a análise do tema só pode ser intensificada, a partir dos livros didáticos atuais.

Analisando os Livros Didáticos Atuais

Selecionamos ao todo quatro livros didáticos para analisarmos o modo como o tema da globalização é tratado no ensino médio: *Geografia geral e do Brasil: espaço geográfico e globalização* de Eustáquio de Sene e João Carlos Moreira (1998); *A História da luta pela terra e o MST* de Mitsue Morissawa, 2001; *O espaço Geográfico: Geografia Geral e do Brasil* de Igor Moreira, 2003; e *Geografia: Série Brasil* (Ensino Médio) de José William Vesentini, 2005.

Para que possamos analisar o tema da globalização nos atuais livros didáticos de geografia, torna-se necessário estabelecermos nossa metodologia de análise que estará baseada na análise proposta por Silva⁹ por mostrar-se satisfatória para lidar com discussões acerca do processo de ensino-aprendizagem:

- 1. Estrutura do livro e conteúdos abordados:** Verificar em que medida o tema da globalização influencia na organização de cada livro. Analisando-se, os conteúdos desenvolvidos por cada autor ou autores;
- 2. Metodologia de ensino aprendizagem:** Verificar qual o posicionamento metodológico de ensino aprendizagem adotado;
- 3. Fundamentação teórico-metodológica e concepção de globalização:** Localizar as discussões que deram subsídios para a construção do tema. Analisando se, a concepção do tema da globalização está associada aos conceitos de espaço geográfico e tempo.
- 4. Linguagem:** Analisar se a linguagem utilizada é clara e utiliza-se de terminologias científicas importantes para a compreensão do tema da globalização pelo estudante;
- 5. Lacunas e simplificações:** Analisar a existência de lacunas e/ou a simplificação do conceito de globalização.

A par destas considerações, iniciaremos a análise do tema da globalização nos livros didáticos de geografia:

⇒ *Geografia geral e do Brasil: espaço geográfico e globalização* de Eustáquio de Sene e João Carlos Moreira, 1998.

⁹ SILVA, Dakir Larara. *A Geografia que se ensina e a abordagem da natureza nos livros didáticos*. Rio Grande do Sul, Dissertação de mestrado em geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004.

A preocupação com as transformações do mundo contemporâneo permeia a construção do livro. Os autores demonstram suas preocupações com o volume, à variedade e a instantaneidade das informações que percorrem o mundo e, afetam inclusive, a percepção temporal e espacial da sociedade.

A globalização apresenta-se de forma articulada a outros temas e, aparece no decorrer de toda a obra. No entanto, o tratamento do tema da globalização é feito precisamente na “Unidade I – Capitalismo: o sistema econômico que mais modelou o espaço geográfico” - que se referem aos capítulos: “3º - Geopolítica e economia do pós-guerra”; “4º - A nova ordem mundial” (a globalização é tratada pontualmente neste capítulo); “5º - O comércio internacional: multilateral ou regional?”.

Os conteúdos trabalhados que estão relacionados ao tema da globalização são os seguintes: a reordenação econômica; a velha ordem e a nova ordem mundial; os blocos econômicos; dentre outros.

Constata-se ainda, que referente à metodologia de ensino-aprendizagem, os autores adotaram uma postura de elevarem o nível de complexidade sobre o tema gradativamente; mas dado ao volume das informações apresentadas cabe ao professor selecionar quais aspectos referentes ao tema a serem priorizados.

A concepção do tema da globalização presente no livro expõe que o processo é a fase mais recente da expansão capitalista, estando pautada no desenvolvimento técnico-científico, cujo objetivo é ampliar o comércio e, portanto, os lucros. É feita ainda uma periodização do Capitalismo, diferenciando a globalização de outras fases, tais como, a fase colonialista ou imperialista.

Nesse sentido, como fundamentação teórica e metodológica para desenvolver o tema, os autores utilizam-se principalmente do fim da Guerra Fria e de formulações sobre a “Nova Ordem Mundial”. Vale ressaltar que a concepção de espaço geográfico, historicamente construído está relacionada direta e indiretamente à concepção de globalização.

A crítica ao livro, refere-se ao posicionamento ideológico dos autores ao simplificarem o mundo contemporâneo, a partir da globalização. A globalização é evidenciada como sendo uma fase do Sistema Capitalista que se expande a tal ponto que pode dispensar as disputas entre as nações - fato que se distancia da realidade -, onde casualmente podemos observar no mundo contemporâneo a presença de guerras, cujos objetivos são político-econômicos, territoriais.

Só que agora essa expansão – e esse é o dado novo – pode dispensar a invasão de tropas, a ocupação territorial, pode abrir mão, enfim, da guerra. (...) As novas armas são a agilidade e a eficiência das comunicações e do controle de dados (...); dos telefones fixos e móveis (...) ou dos boeings e airbus; supernavios petroleiros e graneleiros e dos trens de alta velocidade (p.64).

A “guerra” é travada nas bolsas de valores, de mercadorias e de futuros, os mercados do mundo e em todos os setores imagináveis (...) (p.65).

Por fim, vale destacar que, a linguagem utilizada no livro apresenta-se de modo claro, utilizando-se de terminologias científicas; além de fornecer aos estudantes subsídios para desenvolverem o hábito da leitura, por meio, de uma série de textos complementares.

⇒ A História da luta pela terra e o MST de Mitsue Morissawa, 2001.

O tema da globalização, diferentemente dos outros livros didáticos não é tratado exaustivamente. Os conteúdos estão relacionados a determinados aspectos da sociedade contemporânea atual, tais como: a crescente desigualdade social, a expansão das corporações transnacionais; do capital volátil e do desemprego; dentre outras problemáticas.

No presente livro de MORISSAWA, o tema da globalização é tratado especificamente no (capítulo 4 – A Era da globalização).

A proposta metodológica de ensino e aprendizagem aparece de modo coerente com o posicionamento ideológico a que se destina o livro, estando voltada para o posicionamento reflexivo e crítico dos estudantes, fundamentada no construtivismo sociointeracionista¹⁰. Seguindo também, algumas orientações do Ministério da Educação e da UNESCO, como por exemplo, o aprender a conhecer, o saber pensar e o aprender a fazer; e o professor é o mediador deste processo (Brasil, [DCNEM], 1998).

A concepção de globalização é pontual, estando baseada no longo processo histórico, iniciado nos séculos XV e XVI que, por sua vez, ampliaram a interdependência econômica dos países, este processo foi intensificado a partir do fim da guerra fria, portanto, para os autores “Globalização significa, sobretudo liberação da economia” (p.44). A fundamentação teórica e metodológica para a construção do tema, está pautada no caráter histórico das relações sociais.

¹⁰ Entendemos de uma maneira geral, que o construtivismo sociointeracionista refere-se à construção do conhecimento pelo estudante. Esta construção está fundamentada no espaço-vivido deste sujeito, relacionando-se também à capacidade de intervenção dos estudantes nos espaços em que vivem e, que são afetados independentemente da escala.

Encontram-se lacunas quanto à articulação do tema da globalização ao espaço geográfico. Na análise do livro, observamos que ambos os conceitos são tratados de modo dissociado. Entendemos que este fato não compromete a percepção dos estudantes acerca do desigual desenvolvimento espacial da sociedade atual, pois o posicionamento crítico do livro possibilita a reflexão dos estudantes para este fato. A crítica, parte da necessidade do professor ter que atentamente correlacionar o espaço geográfico e a globalização.

Apesar das lacunas, a linguagem utilizada é simples, objetiva e conceitual, facilitando não só entendimento dos estudantes sobre as discussões abordadas, mas também a intermediação do professor.

⇒ **O espaço Geográfico: Geografia Geral e do Brasil de Igor Moreira, 2003.**

O termo globalização insere-se exaustivamente, em quase todos os temas e eixos temáticos do livro, por tal motivo, não iremos descrever todas as unidades, capítulos, e tópicos que contém o termo, apenas evidenciar o eixo central da discussão sobre a globalização que se refere à “Unidade II – A construção de um mundo globalizado”: “3º Capítulo - Capitalismo e socialismo: da guerra fria à nova ordem” e “4º Capítulo - Globalização, a nova ordem mundial”.

Uma crítica a estruturação do livro refere-se ao fato de tratar não só o tema da globalização bem como outros temas de modo fragmentado, em duas partes: geografia geral e a geografia do Brasil. Os temas e, principalmente o estudo da globalização repetem-se várias vezes ao longo do livro. Cabendo então ao professor extrema atenção ao utilizar diretamente os conteúdos do livro, pois se torna necessário selecionar os capítulos a serem utilizados simultaneamente e articuladamente.

A proposta metodológica para o ensino da globalização, conforme, já argumentamos, abrange quase todas as discussões do livro. Assim, os conteúdos abordados vão desde a compreensão do que é a globalização, suas origens e nuances quanto à supervalorização do conceito, indo desde “A população no mundo globalizado” quanto “A globalização dos problemas ambientais”. Neste sentido, conforme já observamos no primeiro capítulo, existe certo modismo usual com relação ao termo, consideramos que abusar do seu uso tende a resumir o mundo à idéia de globalização.

Contraditoriamente, a concepção de globalização para o autor, consideramos como sendo a que melhor se adequa à realidade do mundo atual. O processo de globalização inicia-se no final do século XX e, está relacionado à expansão do sistema capitalista, sendo fundamentado pela liberação da economia por processos de regionalizações; tendo-se em vista ainda que a globalização “não elimina as diferenças espaciais no mundo; ao contrário acentua” (p. 27) tanto entre classes quanto entre as nações.

A estruturação do livro é a principal inconsistência, tornando o livro de certo modo redundante quanto ao alcance da globalização. Sobre a linguagem utilizada, consideramos que está adequada ao nível de ensino a que é destinado.

⇒ **Geografia: Série Brasil (Ensino Médio) de José William Vesentini, 2005.**

No presente livro, a discussão sobre o tema da globalização está estruturada da seguinte maneira: “Unidade III – Geopolítica”, compreendendo respectivamente os capítulos: “14º - A nova ordem mundial e seus antecedentes”; “15º - Globalização e mercados regionais”; “16º - Poderio econômico-militar e organizações internacionais”, “17º - Desigualdades internacionais, máfias e terrorismo”; e “18º - As perspectivas para o século XXI”.

Os conteúdos que o termo globalização abrange são extensos e consistentes e, possibilitam discussões entre o professor e os estudantes. Está diretamente articulada a expansão do Sistema Capitalista e associado as noções de espaço geográfico e de tempo.

A metodologia de ensino aprendizagem do livro é destinada ao estudo do espaço geográfico brasileiro que está fundamentada nas repercussões e transformações sócio-espaciais do mundo, numa perspectiva construtivista sociointeracionista. Estimulando o estudante a desenvolver uma postura crítica com relação às transformações e problemas não só do Brasil e do mundo, mas também da sua realidade.

A idéia de globalização presente no livro didático está relacionada à expansão do sistema capitalista (1492), no qual, o termo globalização surge em (1980) para se referir a um novo estágio de interdependência econômica entre os povos e os países, estando diretamente relacionada à aceleração do tempo, provocando uma contração espaço-temporal que, culminou na idéia de “aldeia global”. O dado novo desta secular mundialização do capitalismo é o enfraquecimento do Estado-nação perante a atuação das empresas transnacionais.

A fundamentação teórico-metodológica utilizada é coerente com as discussões acadêmicas e economicistas. Mas é função do professor orientar a reflexão do estudante, devido ao grande volume de informações.

Detectamos apenas algumas lacunas com relação ao aprofundamento conceitual do espaço geográfico, o qual, não compromete a compreensão espacial da globalização.

A linguagem utilizada é objetiva e enriquecida pela discussão conceitual. Fato que proporciona ao estudante ampliar sua linguagem conceitual, superando-a do senso comum.

⇒ **Considerações gerais sobre os livros didáticos analisados**

Um dos objetivos fundamentais da análise dos livros didáticos foi comparar, analisar e avaliar, os conteúdos propostos para o tratamento do tema da globalização e o modo como são apresentados. De modo geral, ambos os livros apresentam características comuns:

1. Os livros utilizam-se da construção histórica do espaço geográfico;
2. O marco para o início e/ou intensificação do processo de globalização é o colapso do socialismo e o fim da Guerra Fria;
3. A base do processo de globalização é o desenvolvimento de modernas tecnologias (telecomunicações e rede de transportes);
4. Os livros trazem contribuições para o processo de ensino-aprendizagem, tais como: textos complementares; mapas; imagens; atividades; e indicações de livros; vídeos e/ou sites;
5. Todos os livros apresentam de algum modo, lacunas e/ou imprecisões que devem ser atentamente corrigidas e/ou aprofundadas pelo educador.

Por fim, devemos lembrar que tal como as diretrizes educacionais podem ou não serem utilizadas. O livro didático é apenas uma ferramenta e, portanto, não substitui a importância da pesquisa, da sistematização do conhecimento, da reflexão e do

posicionamento crítico do professor. Neste contexto, iniciaremos o próximo item do capítulo, a partir do diálogo com alguns geógrafos educadores ¹¹ e estudantes.

CAPÍTULO III

O ENSINO DO TEMA DA GLOBALIZAÇÃO

Como pudemos observar a consolidação do tema da globalização no Brasil e em seus manuais didáticos do ensino médio de geografia, ocorreu a partir de meados dos anos

¹¹ O termo geógrafo educador de modo algum se relaciona à fragmentação do saber geográfico, pelo contrário, destina-se em reconhecer a totalidade existente na formação geográfica dos cursos de licenciatura e suas especificidades. O geógrafo é aquele que ler e mapeia a produção de novos espaços pelas relações sociais; e, a educação tem por especificidade a formação de cidadãos. O geógrafo educador incorpora estas dimensões relacionadas ao saber e, torna-se um dos responsáveis em apresentá-las e discuti-las junto à sociedade.

1990, devido a mudanças (quantitativas e qualitativas) na organização da sociedade contemporânea. Estas transformações foram empreendidas pela consolidação do Sistema Capitalista; pelas constantes inovações técnicas e científicas e, sobretudo, por suas repercussões ideológicas.

Neste contexto, a ciência geográfica munida de um arcabouço teórico, conceitual e metodológico e, por meio, do diálogo com outras ciências. Apresenta-se como sendo a responsável direta por refletir e transmitir as discussões sobre o tema da globalização às mais variadas classes sociais, através da geografia escolar.

O ensino de geografia é, por natureza, um campo interdisciplinar do conhecimento e engloba, os mais variados aspectos sócioespaciais e, esta complexidade de elementos e temas que compõem os seus objetos de atuação. Relaciona-se diretamente a sua função social que é a formação de cidadãos críticos e reflexivos.

Assim, surge a possibilidade de analisarmos o processo de globalização e o modo como este tema é apresentado aos estudantes do ensino médio pelo geógrafo educador, ou seja, quais os aspectos do tema são priorizados e quais destes aspectos são assimilados com maior consistência, dentre outras questões que, foram surgindo gradualmente.

Para tanto, além das pesquisas e leituras, recorreremos à aplicação de dois questionários: um para dialogarmos com os educadores e, o outro para dialogarmos com os estudantes. Como sendo, uma ferramenta capaz de contribuir para a análise e comparação das mais variadas interpretações quanto ao alcance e as repercussões deste processo. O propósito do diálogo e do questionário é o de refletir, em que medida, as idéias sistematizadas pelos estudantes estão relacionadas à apreensão da realidade.

DIALOGANDO COM OS GEÓGRAFOS EDUCADORES

A responsabilidade ética, política e profissional do ensinante lhe coloca o dever de se preparar, de se capacitar, de se formar antes mesmo de iniciar sua atividade docente. Esta atividade exige que sua preparação, sua capacitação, sua formação se tornem processos permanentes. Sua experiência docente, se bem percebida e bem vivida, vai deixando claro que ela requer uma formação permanente do ensinante. Formação que se funda na análise crítica de sua prática (Freire, 1993, p.1).

Ao propormos o diálogo com os geógrafos educadores, o intuito inicial¹² foi o de perceber, constatar e refletir a forma como estes geógrafos compreendem o processo de globalização e o tratam junto aos estudantes do ensino médio. Diálogo que conta com a participação de dez educadores de diversos colégios.

Não esgotaremos aqui o diálogo e as discussões com estes educadores, pelo contrário, o conhecimento e as informações obtidas, mas que conclusões, possibilitaram incertezas quanto ao processo de ensino e aprendizagem.

Sobre o tema da globalização identificamos que os aspectos priorizados pelos professores estão relacionados ao seu processo histórico, ao colapso do socialismo e ao fim da Guerra Fria e, conseqüentemente à expansão do Sistema Capitalista. Mas está focalizada principalmente no aprimoramento e no surgimento de novas tecnologias (comunicação e rede de transportes), com relação às novas tecnologias, a difusão da Internet se destaca (um dos principais símbolos da globalização). De modo geral, os aspectos priorizados pelos professores, encontram-se intrinsecamente relacionados aos que são propostos pelos manuais didáticos.

Vale ressaltar que, devido ao surgimento recente deste termo, poucos foram os professores que de fato discutiram o tema durante a graduação. Ambos os educadores demonstraram pesquisar e se aprofundar sobre as discussões pertinentes ao tema em diversos meios de informação (livros, revistas, Internet, cursos de especialização), entre outros.

Argumentamos que este procedimento de se “pesquisar as incertezas” é uma das dimensões que fazem parte do processo didático. E, a pesquisa institucionalizada ao longo do tempo e no espaço, possui uma especificidade não neutra, no qual, “pesquisar o que se ensina” deve ser um processo prazeroso, pois é de fundamental importância para a construção do conhecimento, visto que “pesquisar o que se pesquisa” implica no aperfeiçoamento da própria pesquisa de modo prático e teórico. Possibilitando novas estratégias para com o processo de ensino-aprendizagem (Veiga, 2004).

¹² O diálogo com estes educadores não se restringiu apenas à aplicação do questionário sobre o ensino do tema da globalização. Esta etapa de elaboração do trabalho possibilitou que refletíssemos sobre o processo de ensino aprendizagem, muna perspectiva, mais ampla: as distintas realidades educacionais, os problemas referentes à educação, diferentes práticas de ensino, entre outras. Neste sentido, esta experiência somou-se ao intuito das disciplinas de Prática de Ensino da UERJ/FFP. Contribuiu para a escola que queremos construir, enquanto educadores.

Deste modo, entendemos que os professores demonstraram possuir incertezas, visto a necessidade admitida por ambos de pesquisar e se aprofundar sobre os mais variados temas e questões que fazem parte da identidade do ensino de geografia. Independente de afirmarem não possuírem dificuldades para compreenderem o tema da globalização.

Quanto às incertezas dos estudantes, os professores relataram que estas se referem à dificuldade dos estudantes associarem a velocidade, a instantaneidade e o alcance das tecnologias: meios de comunicação (televisão, satélites, Internet, etc.) e rede de transportes (navios, aviões, trens) à globalização.

Entretanto, observamos que nenhum estudante relacionou diretamente a globalização ao espaço geográfico (implicitamente demonstraram a importância do espaço geográfico no relato); e, poucos foram os professores que fizeram este exercício de correlacionar o espaço geográfico à globalização.

Pereira (1996) discute os métodos, princípios e linguagens que devem compor a formação do aluno e, argumenta que no caso da Geografia esta ciência deve possibilitar a compreensão espacial dos processos sociais, “tornando-se um instrumento concreto do conhecimento” (p.53); evidenciando ainda, uma questão que se refere ao modo de se transformar o espaço em espaço geográfico. Para o autor, o espaço torna-se geográfico, quando utilizamos os conceitos geográficos para apreender as “relações que se processam no interior das sociedades” (p.54). Sinalizando não só elementos que compõem a identidade da Geografia, mas os riscos para o ensino/construção do conhecimento que se referem à perda da identidade geográfica.

Não procuramos no questionário priorizar a dimensão espacial da globalização, pois entendemos que a globalização seja indissociável do espaço geográfico ou da (tecnociência). De modo geral, ambos os professores demonstraram durante o diálogo extremo cuidado ao tratar o tema da globalização, visto a sua relevância no processo de ensino e aprendizagem.

Uma das lacunas do presente questionário é, justamente, o pouco tempo que tivemos para dialogar com os educadores, por este motivo, colhemos apenas poucas reflexões de discussões bastante férteis: a globalização, o espaço geográfico e o ensino de geografia.

No intuito de contribuir para com o ensino do tema da globalização, argumentamos que a globalização se insere pontualmente na vivência cotidiana de cada estudante (os alimentos e as roupas usadas diariamente, os móveis e os eletrodomésticos essenciais para

o funcionamento de uma casa), quanto em seu imaginário que é construído pela mídia escrita e falada, mas encontra na mídia visual, principalmente a Internet *Diferentes Imagens da Globalização*.

Estas imagens (Ver em Anexo – Diferentes Visões da Globalização, p. ?).devem ser trabalhadas pelo professor de geografia, pois sintetizam as principais discussões sobre o tema e, por este motivo, contribuem para a discussão e reflexão acerca das repercussões causadas pela globalização.

Um ponto que merece destaque refere-se a nossa crítica quanto à dificuldade em se realizar o diálogo e o questionário com os educadores, muitos foram os professores que se negaram a participar desta pesquisa e, muitos foram os colégios que dificultaram a aproximação com os educadores. Este fato reduziu significativamente a quantidade de participantes, bem como, a qualidade das informações obtidas.

Por fim, constatamos que os temas e as questões, priorizadas pelos professores estão diretamente relacionadas às discussões propostas pelos manuais didáticos, mas a necessidade da pesquisa contínua esboçada pelos educadores, nos revela o compromisso destes educadores em ensinar.

DIALOGANDO COM OS ESTUDANTES

A globalização surgiu como uma nova ordem mundial, após o fim do sistema bipolar. A globalização tem a finalidade de transformar as relações internacionais e concretizar o livre comércio, através da troca de culturas e de informações e a criação de entidades de comércio (...) Para mim a globalização é a forma que os países desenvolvidos encontraram para impor seu poder de forma que as pessoas pensem que a globalização é boa e, assim sendo manipular as nações inferiores com o pretexto da 'troca de cultura e de informações' (Carlos Henrique, 3º ano, CEDAX).

De modo geral, aplicamos o questionário junto aos estudantes, em três colégios do município de São Gonçalo que faz parte da Região Metropolitana do Estado do Rio de Janeiro: Colégio Estadual Adino Xavier - CEDAX (82 estudantes); Colégio Batista do Laranjal - CBL (100) e Colégio Estadual Walter Orlandini - CEWO (91). Correspondendo a um total de 273 estudantes.

A sistematização dos relatos possibilitou construir um quadro síntese, no qual, os principais aspectos do tema aparecem de forma quantitativa, possibilitando detalhar

quantos estudantes, estudaram ou não o tema e, ainda quantos não quiseram participar do questionário, entre outros pontos.

Vale frisar que a classificação do quadro apresenta lacunas quanto ao detalhamento das informações obtidas. Este detalhamento se desenvolveu a partir da repetição de cada relato, ou seja, da repetição das principais questões levantadas pelos estudantes. Desta forma, cada relato está enquadrado num determinado item e, assim, um determinado relato apesar de estar inserido num item, em diversos casos, contém elementos de outros itens do quadro e/ou ainda elementos que não classificamos, dada a sua pouca repetição ou inconsistência.

Os relatos dos estudantes estão relacionados principalmente à expansão e ao desenvolvimento das tecnologias; à integração entre os países e as pessoas; a questões relacionadas ao desenvolvimento econômico e político dos países; aos supostos benefícios e/ou malefícios da globalização; e ao colapso do socialismo. Outros elementos referem-se ao enfraquecimento dos países frente à expansão dos agentes que comandam a globalização (as empresas); à modernidade; e a aspectos que fazem parte da reflexão dos estudantes, dentre outros.

QUADRO SÍNTESE – RELATOS DOS ESTUDANTES

COLÉGIO	CEDAX			CBL			CEWO			Total
	1º	2º	3º	1º	2º	3º	1º	2º	3º	
TURMAS										
Não responderam	1	-	6	-	1	3	1	2	-	14
Não estudaram	22	-	8	23	2	-	16	5	4	80
Estudaram	5	27	13	13	42	16	21	20	22	179
Total de estudantes entrevistados	28	27	27	36	45	19	38	27	26	273
Focalizaram a base tecnológica	13	9	4	10	18	7	9	8	10	88
Integração entre países e/ou pessoas	3	3	7	10	17	2	5	9	4	60
Subdesenvolvimento e desenvolvimento entre os países	-	2	3	2	1	1	4	1	1	15
Supostos benefícios	6	-	1	6	4	4	7	5	6	39
Supostos malefícios	1	1	2	3	2	-	3	-	2	14
“O fim da Guerra Fria”	-	5	-	-	-	-	2	-	-	7
Outros	4	7	4	5	2	2	7	2	3	36
<i>Total dos estudantes que participaram do questionário</i>										259

A construção deste quadro esteve fundamentada no método estatístico e comparativo com o propósito de verificar e classificar como o tema da globalização é assimilado de maneira geral pelos estudantes. Mas, o principal propósito do questionário é o de discutir qualitativamente estes relatos. Neste sentido, podemos observar que os aspectos destacados pelos estudantes referem-se à definição mais genérica da globalização, a base tecnológica do processo e a integração entre países e/ou pessoas.

Sobre este fato é importante destacarmos dois pontos: o primeiro está relacionado ao fato de que esta generalização pode vir a obstruir reflexões mais profundas sobre o tema; o segundo refere-se à possibilidade de ampliar a escala de discussão com os estudantes, visto que, a base do tema e, suas discussões mais divulgadas foram assimiladas com consistência. Sendo assim, estas e outras questões levantadas pelos estudantes e, a compreensão espacial da globalização deve ser trabalhada articuladamente pelo educador.

No que diz respeito ao ensino, observamos também algumas particularidades entre a rede particular de ensino e a rede pública. O que percebemos foi à facilidade que os estudantes do Colégio Batista do Laranjal (rede particular de ensino), tiveram para

responder as questões propostas, com relação ao tempo utilizado e quanto à contextualização do tema; quando comparado com os estudantes dos dois outros colégios selecionados (rede pública de ensino). Cabe ressaltar que não é objeto da pesquisa, avaliar e comparar os métodos de cada instituição e/ou a qualidade do ensino oferecida pela rede pública e privada.

Deve-se ressaltar também que o questionário não se prontificou apenas em analisar o teor dos conteúdos, mas também a capacidade de reflexão dos estudantes e, neste caso, todos os estudantes demonstraram possuir as mesmas competências e habilidades.

Um outro aspecto é o fato de que alguns estudantes não relacionaram conceitualmente suas reflexões ao tema da globalização. Neste sentido, o desenvolvimento simbólico destes estudantes, tende muitas vezes a não associar “corretamente” nomes aos conceitos e, assim, entendemos que os educadores devem se atentar para este fato e buscar diversos elementos [não só conceituais e conteudistas] para com a construção do conhecimento pelo aluno (Castellar, 1993). Esta produção de conhecimento deve ser pensada numa perspectiva não dicotômica e recíproca no processo relacional que deve existir entre educador e estudante (Veiga, 2004).

É a partir da análise e da reflexão do que os estudantes têm a dizer sobre o tema da globalização que realizaremos o diálogo com os estudantes.

Como já verificamos nas discussões acadêmicas não há consenso sobre este termo que, atualmente está em “moda”. Entre os estudantes do ensino médio este fato também não é diferente, o termo e sua contextualização, podem se referir a uma infinidade de questões e reflexões:

“De tudo um pouco, só nada é feito, nem resolvido” (karyne, 1º ano, CEDAX); “A união do mundo, liderada pelos E.U.A.” (2º ano, CEWO); “É bom para aproximar as pessoas” (Luana, 2º ano, CEWO); “É a união dos povos” (Vinícius, 2º ano, CEWO); “globalização é derivado da palavra ‘globo’. Quer dizer que o mundo está envolvido num determinado assunto. (Tayanni, 1º ano, CBL); “A situação do capital” (Lorena, 3º ano, CEDAX); “É a inclusão de vários países no ‘mundo capitalista” (Fellipe, 2º ano, CBL); “É um Fenômeno inevitável que está transformando o mundo econômico e tecnológico e provoca uma integração cultural rompendo barreiras e ultrapassando fronteiras” (Rodrigo, 3º ano, CBL); “no meu entender a globalização pode ser avanços tecnológicos, científicos e geográficos” (Thamirys, 1º ano, CEDAX) “uma coisa unificada, isto é, ocorre em todo lugar; como por exemplo: a fome, o problema que ocorre em todo lugar, independentemente do país e do estado em que ocorre, a este tipo de problema damos o nome de globalização” (Guilherme, 1º ano, CEWO).

Poderíamos enumerar ainda, diversas outras reflexões que não se encontram de modo algum equivocadas, pelo contrário, os relatos evidenciaram que os estudantes não só

estão reproduzindo o que os manuais didáticos preconizam, mas também estão refletindo sobre o tema. Os demais relatos selecionados encontram-se em anexo (Ver – Relatos dos estudantes, p. ?)

Por outro lado, em relação à assimilação do conceito, consideramos que as principais discussões sobre os aspectos da globalização, materializadas nos relatos foram evidenciadas de modo claro pelos estudantes. Os estudantes evidenciaram a globalização, enquanto um sistema e/ou uma fase, seus pontos positivos e negativos; a origem do termo, dentre outras questões.

Uma das definições que mais nos chamaram a atenção, define a globalização como sendo a “Fase do capitalismo que se consolidou nos anos 90, possibilitada pela facilidade de comunicação entre os países, levando a formação de grandes blocos econômicos e o acirramento da competição entre as empresas” (Hudson, 3º ano, CEWO).

Nesta perspectiva, uma outra definição sobre a globalização, argumenta que “é o sistema econômico atual que tem seus pontos positivos e negativos, desfruta de tecnologia, importação e exportação, mas como sempre aqueles que possuem mais poder estão sempre no comando e isso faz com que nem todos participem” (Diogo, 2º ano, CBL).

Uma outra perspectiva sobre os relatos dos estudantes refere-se ao posicionamento crítico e complementariedade de um relato em relação ao outro. Independente da série e/ou da escola: “máquinas estão substituindo pessoas nas empresas, ao invés de 10 trabalhadores só num setor, uma máquina entra no lugar dos 10 trabalhadores” (?, 1º ano, CEWO); “Tudo fica um pouco mais moderno; eu por ex. vejo o lado negativo meu pai perdeu um de seus empregos pelo fato da globalização, o serviço dele pode ser trocado por máquinas, e foi de fato. Então tem seu lado positivo (desenvolvimento), mas também tem seu lado negativo causando desemprego” (Priscila, 2º ano, CBL). Esta complementariedade pode ser verificada ainda em outros relatos e, sobre outras questões.

A leitura em conjunto, das reflexões dos estudantes. É extremamente satisfatória e, explica pontualmente as discussões teórico-conceituais sobre este processo. Entretanto, ao lermos individualmente cada relato perceberemos, uma série de lacunas, quanto à apreensão do termo por alguns estudantes. E, entendemos que estas lacunas devem ser preenchidas pelos educadores.

Sendo assim, o professor deve ler de maneira cuidadosa e crítica o que os estudantes escrevem: “Eu acho que a globalização é uma coisa muito boa” (Suelem, 1º ano, CEDAX). Deste relato, argumentamos que é possível extrair deste estudante, várias

reflexões, como por exemplo: o que você acha de bom na globalização? A globalização possui aspectos negativos? Quais? O Brasil é um país globalizado? O Brasil apresenta aspectos negativos e/ou positivos? Você se considera um cidadão globalizado? Entre outras.

Para tanto, geógrafo educador deve fazer as correlações necessárias para uma melhor apreensão do conceito pelo estudante, a fim de extrair o máximo de reflexões.

Argumentamos, que independente do estudante alcançar uma resposta “certa” quanto ao tema da globalização. O uso do termo depende do posicionamento crítico e individual, por este motivo, o importante aqui é fazer com que o estudante desperte sua consciência crítica; fator indispensável em uma sociedade democrática, marcada pela pluralidade cultural e social e, que tem como principal característica a desigualdade social, o Brasil.

Por este motivo, entendemos que a utilização do tema da globalização no ensino médio pode contribuir para a formação ética dos estudantes, pelo qual, o educador deve buscar junto com os estudantes explicações e reflexões sobre os atuais processos que afetam a sociedade atual em diferentes escalas.

O próximo capítulo da pesquisa estará discutindo a possibilidade do tema da globalização vir a ser construído, a partir do local, ou seja, pelo espaço vivido diariamente pelos estudantes, onde estaremos focalizando a formação crítica do estudante.

O LUGAR DA GLOBALIZAÇÃO NO ENSINO DE GEOGRAFIA

Estamos vivendo uma época em que o saber geográfico escolar, no Brasil, se distingue daquele apresentado no passado, no qual, a geografia resumia-se ao ato de decorar as capitais dos Estados ou os afluentes dos principais rios. Entre outros, exercícios de memorização, cujo propósito era o de possibilitar aos cidadãos a idéia de pertencimento do território do qual fazem parte.

Entretanto o ensino de geografia ainda é contraditório, de um lado a geografia é relegada como sendo uma ciência de “modismos” em que situações que acontecem local ou mundialmente devem ser prontamente apresentadas à sociedade; do outro a ciência geográfica, está posicionada e comprometida com a formação de cidadãos críticos que se

conscientizem para com as transformações sociais em curso e, com a estagnação da desigualdade social existente no mundo contemporâneo.

A globalização se apresenta para a geografia escolar e para a sociedade num todo, como sendo a “palavra da moda”. E cabe ao geógrafo educador romper com a supervalorização deste tema, situando e localizando sua importância no processo de ensino e aprendizagem.

A importância deste tema está centrada, na possibilidade de sua contribuição para a formação de uma consciência espacial, capaz de possibilitar aos cidadãos, conhecer, analisar, refletir e intervir sobre os processos que afetam o espaço num todo.

As leituras e os diálogos com os educadores demonstraram que o ensino do tema da globalização é relativamente recente nos manuais didáticos de geografia e em seu planejamento de aula. Por este motivo, a fim de contribuir com a discussão, exponho algumas de minhas experiências no ensino médio; sendo que estas foram somadas às reflexões realizadas no questionário pelos estudantes. E, me demonstraram que o ensino do tema avançou sensivelmente.

Minhas lembranças acerca do que estudei sobre a globalização ou mundialização do capital reportam-se exclusivamente ao fim da Guerra Fria e à expansão geográfica empreendida pelas empresas multinacionais. As leituras dos questionários permitem verificar que mais do que uma evolução quantitativa e qualitativa no ensino do tema (o seu viés ideológico, a base tecnológica do processo, os supostos benefícios e/ou malefícios, entre outros). Discussões altamente qualificadas foram difundidas gradualmente aos estudantes pelos educadores no decorrer do tempo.

É, neste contexto, que consideramos que o tema da globalização trouxe avanços significativos ao ensino de geografia. Desde uma construção mais sólida de alguns conceitos que estão relacionados ao tema (nova ordem mundial, enfraquecimento dos Estados-nações, formação de blocos econômicos e, outros); quanto à fundamentação teórica e metodológica utilizada para a elaboração das diretrizes educacionais e dos livros didáticos ou, no que concerne ao posicionamento dos educadores.

Neste sentido, argumentamos que não devemos ser contrários ao tema, muito menos supervaloriza-lo. Entendemos que três procedimentos podem vir a contribuir para estabelecermos, o lugar da globalização no ensino de geografia.

O primeiro procedimento é estabelecer, o seu lugar na ciência geográfica. Para tanto, há a necessidade de se repensar o conhecimento produzido e difundido à sociedade;

e, de que modo este conhecimento foi produzido? Esta preocupação é intrínseca ao conjunto de ciências que se dedicam à formação e à preparação de uma sociedade igualitária..

Estabelecer o lugar da globalização na ciência geográfica é se atentar para a compreensão espacial da globalização; reconhecendo que, as repercussões espaciais são inerentes a este processo que, por definição, se manifesta no espaço geográfico.

O espaço geográfico é o objeto social responsável por intercalar os demais conceitos chave (território, região, paisagem e lugar) da geografia e do seu ensino (escolar ou acadêmico). A globalização não é a “máxima” da geografia e, portanto o seu estudo apesar de possuir um lugar de destaque na sociedade contemporânea, possui um lugar específico na geografia.

O seu lugar na geografia é o espaço geográfico “(...) Nenhum dos objetos sociais tem tanto domínio sobre o homem, nem está presente de tal forma no cotidiano dos indivíduos” (Santos, *apud*, Ribeiro, p.9, 2002).

Desta forma, o espaço geográfico se apresenta como sendo plurissignificativo, seus mais variados significados se devem a realidades sociais distintas, pois não existe um espaço geográfico homogêneo em suas relações. A idéia da globalização está associada à concepção homogênea ou desigual do mundo é, portanto, um processo multidimensional quanto as suas relações.

Uma vez estabelecido o lugar da globalização na ciência geográfica, quero dizer no espaço geográfico. O Segundo procedimento é estabelecer o plano de ação da geografia escolar ao expor este tema à sociedade.

A geografia escolar deve valorizar o: aprender a ensinar, o aprender a aprender e, o aprender a pesquisar; e transpor este tema para a discussão interdisciplinar. Esta ação não é elencar a geografia ao centro das discussões, pelo contrário, é ter a consciência de que a individualidade de cada ciência ou de seu educador/pesquisador tende a propiciar a curiosidade e o debate entre professores e professores; e, entre estudantes e professores.

Este procedimento tem como propósito integrar e enriquecer os elementos que estão associados ao tema. Possibilitando desta forma um maior interesse dos estudantes, pois a reflexão se manifesta individualmente e, materializa-se coletivamente pela busca da produção do conhecimento. Pensar a interdisciplinaridade não deve referenciar-se apenas ao conjunto de disciplinas obrigatórias, deve se voltar também para o conhecimento que a ser produzido pelos estudantes.

O terceiro procedimento se refere à necessidade da geografia utilizar a vivência dos estudantes para aprofundar o tema e as reflexões, pois o cidadão também “é multidimensional. Cada dimensão se articula com as demais na procura de um sentido para a vida. Isso é o que dele faz o indivíduo em busca do futuro” (idem, p.8). A “máxima” da geografia é a sociedade e, a finalidade do seu ensino é a formação de cidadãos.

É neste contexto, que o geógrafo educador deve despertar em seus estudantes a consciência crítica para as relações que se estabelecem em seu meio. E o posicionamento crítico e a análise espacial devem estar em perfeita harmonia, pois o espaço permite trabalhar com os estudantes diferentes escalas, desde o local (espaço vivido) a questões que se processam em âmbito mundial e, mais do que ser mobilizado, o conhecimento deve ser construído entre o educador e os seus estudantes, através do diálogo.

Kaercher (1999), em a *Geografia é o nosso dia-dia*, discute a necessidade de relacionarmos o conhecimento local e/ou global e, a partir daí, refletirmos para que possamos elaborar instrumentos que auxiliem na compreensão da realidade [espaço].

O espaço [vivido] é o caminho que permite situar o tema da globalização no ensino de geografia de forma mais clara e concreta. Pois, consiste na possibilidade de se ampliar às escalas de análise dos estudantes e, deste modo, o professor deve partir do espaço vivenciado pelos estudantes: visto a possibilidade da construção de conceitos pelos próprios estudantes (Callai, 1999).

É por meio do espaço vivido diariamente que, o estudante pensa concretamente a sua vivência no mundo atual, quanto a que faz parte do seu imaginário e, discute a partir de seu meio social questões que afetam o espaço geográfico em nível planetário.

Projetar e ampliar a escala vivenciada pelo estudante, desde a sua casa, rua bairro, município, região, território e mundo é ampliar a visão do estudante acerca do desenvolvimento geográfico desigual, combinado e contraditório. É possibilitar ao estudante construir sua própria concepção sobre o tema e ir mais além, é possibilitar ao estudante que construa sua própria concepção de mundo.

CONCLUSÃO

As discussões desenvolvidas neste trabalho proporcionaram identificar a origem diversa do processo de globalização, suas diferentes idéias e visões. Mas sem dúvida alguma ressaltamos que o marco para a divulgação global deste termo, no Brasil, encontra em meados dos 1990, o cenário político e econômico ideal para suas formulações e difusão.

A base deste processo é o Sistema Capitalista de Produção do espaço geográfico que, amparado pelo modelo neoliberal e pela relação existente entre o meio-técnico-científico-informacional, possibilitou a este modo de produção percorrer o mundo, de modo mais intensamente. Sustentando a idéia de globalização econômica e financeira.

Esta materialidade espacial expressa uma complexa teia de discussões que não se restringem à economia. Discussões relacionadas à política, a desigualdade social e a pluralidade cultural planetária. Sustentam idéias contrárias à globalização.

As discussões sobre este processo não se esgotaram no que foi apresentado neste trabalho. Leituras e discussões universitárias nos colocaram diante de questões que devem ser consideradas, mas que optamos por não discuti-las no presente trabalho: modernidade ou pós-modernidade? Globalização ou mundialização do capital? Mídia e informação.

Estas e outras questões estão intrinsecamente relacionadas em maior ou menor grau à globalização que, expressa, portanto sua representatividade. E de modo igual ao estudo deste tema, seus rumos depende da estratégia de condução de cada investigador. O aspecto mais importante em torno da complexidade sobre a globalização é que sua melhor fundamentação depende da apreensão de outros aspectos.

O viés escolhido para tratar o tema da globalização neste trabalho foi o seu ensino. Onde discutimos a importância da análise espacial, através de diferentes abordagens teóricas; nos manuais didáticos; e na relação dialógica com estudantes e educadores.

O exposto faz importante ressaltarmos nosso posicionamento sobre as discussões levantadas.

Os manuais didáticos constituem-se em importantes ferramentas no processo de ensino e aprendizagem, o qual, educadores e estudantes devem romper juntos os limites destes documentos.

O lugar da globalização é o espaço vivenciado pelos estudantes e ao educador cabe o papel de possibilitar que o espaço seja refletido, como sendo um objeto, produzido historicamente de maneira desigual. Quanto aos lugares e às pessoas cabe enfatizar que

estão inseridas neste processo espacial e temporal cotidianamente, desigualmente e contraditoriamente.

Diante da tentativa de concluir este trabalho chegamos a uma conclusão: A de refletir sua finalidade. Sendo assim, este trabalho concretiza a passagem de estudante a pesquisador/educador (geógrafo educador) e, isto, representa uma grande responsabilidade que, é a de pensar constantemente à ciência geográfica e o seu ensino, articulando os saberes, pois a praxes de se formar e preparar cidadãos é proveniente, em primeiro lugar, da formação de educadores críticos e reflexivos.

Por fim, consideramos importante ressaltar nosso posicionamento, em relação, ao uso do termo globalização que, está baseado nas repercussões que ocasiona na sociedade contemporânea. Deste modo, nos inclinamos para a proposta de Harvey (2004) que objetiva mudar o uso desta terminologia para “desenvolvimento geográfico desigual” por possibilitar uma maior compreensão sobre os processos que se desenvolvem no espaço.

BIBLIOGRAFIA

BECK, Ulrich. O que é globalização? Equívocos do globalismo, respostas à globalização. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

BRASIL. Ministério da Educação. Lei de Diretrizes e Bases. 1996. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/lei9394.pdf>>. Buscado em: 5 de agosto de 2006.

_____. Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, 1998b. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/CienciasHumanas.pdf>>. Buscado em: 5 de agosto de 2006.

_____. **Parâmetros Curriculares para o Ensino Fundamental**

_____. Parâmetros Curriculares para o Ensino Médio, 2000. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf>>. Buscado em: 5 de agosto de 2006.

_____. Parecer CEB n. 15, 1º de junho, 1998a. Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Relatora: Conselheira Guiomar Namó de Mello. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/PCB1598.pdf>>. Buscado em: 5 de agosto de 2006.

CALLAI, Helena Copetti. O ensino de geografia: recortes espaciais para análise. In: CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos et. al. Geografia em sala de aula: Práticas e Reflexões. 2ª ed.: Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS. – Associação dos Geógrafos Brasileiros – RGS, p.57-63, 1999.

CASTELLAR, S. M. VANZELLA . A Percepção do Espaço e a Distinção entre o Objeto e seu nome. In: Cadernos CEDES - Antropologia e Educação Interfaces do Ensino e da Pesquisa, Campinas / SP, n. 93, p. 88-96, 1996.

FREIRE, Paulo. Carta de Paulo Freire aos professores. In: Professora sim, tia não. Cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho D'água, 1993.

GALVÃO, Marcos B. A. Globalização: arautos, cétricos e críticos (primeira parte). In: *Política Externa*. São Paulo: Paz e Terra / USP, v. 6, nº 4, p. 36-88, março, 1998a.

- _____. Globalização: arautos, cétricos e críticos (segunda parte). In: *Política Externa*. São Paulo: Paz e Terra / USP, v. 7, nº 1, p. 117-160, junho, 1998b.
- HARVEY, David. *Espaços de Esperança*. São Paulo: Loyola, 2004.
- IANNI, Octavio. O Estado-Nação na época da globalização. *Econômica: Revista da Pós-Graduação em Economia da Universidade Federal Fluminense, Niterói*, v. 1, n. 1, p. 105-118, jun. 1999. Disponível em <<http://www.uff.br/cpgeconomia/v1n1/octavio.pdf>>
- KAERCHER, Nestor André. A Geografia é o nosso dia-a-dia. In: CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos et. al. *Geografia em sala de aula: Práticas e Reflexões*. 2ª ed.: Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS. – Associação dos Geógrafos Brasileiros – RGS, p.11-21, 1999
- LEITE, José Correa. Entrevista: Milton Santos. Fundação Perseu Abramo, 1999. Disponível em: <<http://www2.fpa.org.br/portal/modules/news/article.php?storyid=1106>>.
- MÉSZAROS, István. *Para Além do Capital*. São Paulo: Boitempo / Campinas: UNICAMP, 2002.
- OUTHWAITE, William, BOTTOMORE, Tom (Orgs.). *Dicionário do pensamento social do século XX (Verbete globalização)*. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.
- PEREIRA, Diamantino . *Geografia Escolar: uma questão de identidade*. *Cadernos CEDES - Antropologia e Educação Interfaces do Ensino e da Pesquisa, Campinas*, v. 39, p. 47-56, 1996.
- RIBEIRO, W. C. Globalização e geografia em Milton Santos. In: *El ciudadano, la globalización y la geografía. Homenaje a Milton Santos. Scripta Nova. Revista electrónica de geografía y ciencias sociales, Universidad de Barcelona*, vol. VI, núm. 124, 30 de septiembre de 2002. Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-124.htm>>.
- ROIO, Marcos Del. *O Estado da Globalização*, 1996. Disponível em: <<http://www.artnet.com.br/gramsci/arquiv109.htm>>.
- SILVA, Dakir Larara. *A Geografia que se ensina e a abordagem da natureza nos livros didáticos*. Rio Grande do Sul, Dissertação de mestrado em geografia, Universidade

Federal do Rio Grande do Sul, 2004. Disponível em:
<<http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/>>

SANTOS, Milton. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. 6ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

_____. O trabalho do geógrafo no Terceiro Mundo. São Paulo: Hucitec, 1978.

_____. Técnica, espaço, tempo: Globalização e meio técnico científico informacional. São Paulo: Hucitec, 1997.

SENE, Eustáquio de. Globalização e espaço geográfico. São Paulo: Contexto, 2003.

SOUZA, Sandra Zákia e OLIVEIRA, Romualdo Portela de. Políticas de avaliação e quase mercado no Brasil. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 24, n. 84, p. 873-895, setembro 2003 895. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>.

VEIGA, Ilma Passos. As dimensões do processo didático na ação docente. IN: ROMANOWSKY, Joana P.; MARTINS Pura; JUNQUEIRA (Orgs). XII ENDIPE - Conhecimento local e conhecimento universal: pesquisa, didática e ação docente. Curitiba: Champagnat, 2004.

LIVROS DIDÁTICOS

ANTUNES, Celso. Geografia do Brasil.

BERNARDINO, Marcos; PEREIRA, Diamantino; SANTOS, Douglas. Geografia: ciência do espaço (O espaço mundial). São Paulo: Atual, 1987.

_____. Geografia: ciência do espaço (Espaços mundiais). São Paulo: Atual, 1993.

COELHO, Marcos Amorim. Geografia do Brasil. São Paulo: Moderna, 1993.

MAGNOLI, Demétrio e ARÁUJO.

MOREIRA, Igor. O espaço Geográfico: Geografia Geral e do Brasil. São Paulo: Ática, 2003.

MORISSAWA, Mitsue. A História da luta pela terra e o MST. São Paulo: Expressão Popular, 2001.

SENE, Eustáquio de e MOREIRA, João Carlos. Geografia geral e do Brasil: espaço geográfico e globalização. São Paulo: Scipione, 1998.

SCALZARETTO, Reinaldo. Geografia geral: Nova geopolítica. São Paulo: Scipione, 1996

VESENTINI, Jose William. Geografia: Série Brasil (Ensino Médio). São Paulo: Ática, 2005.

_____. Sociedade e Espaço: geografia geral. São Paulo: Ática, 1995.